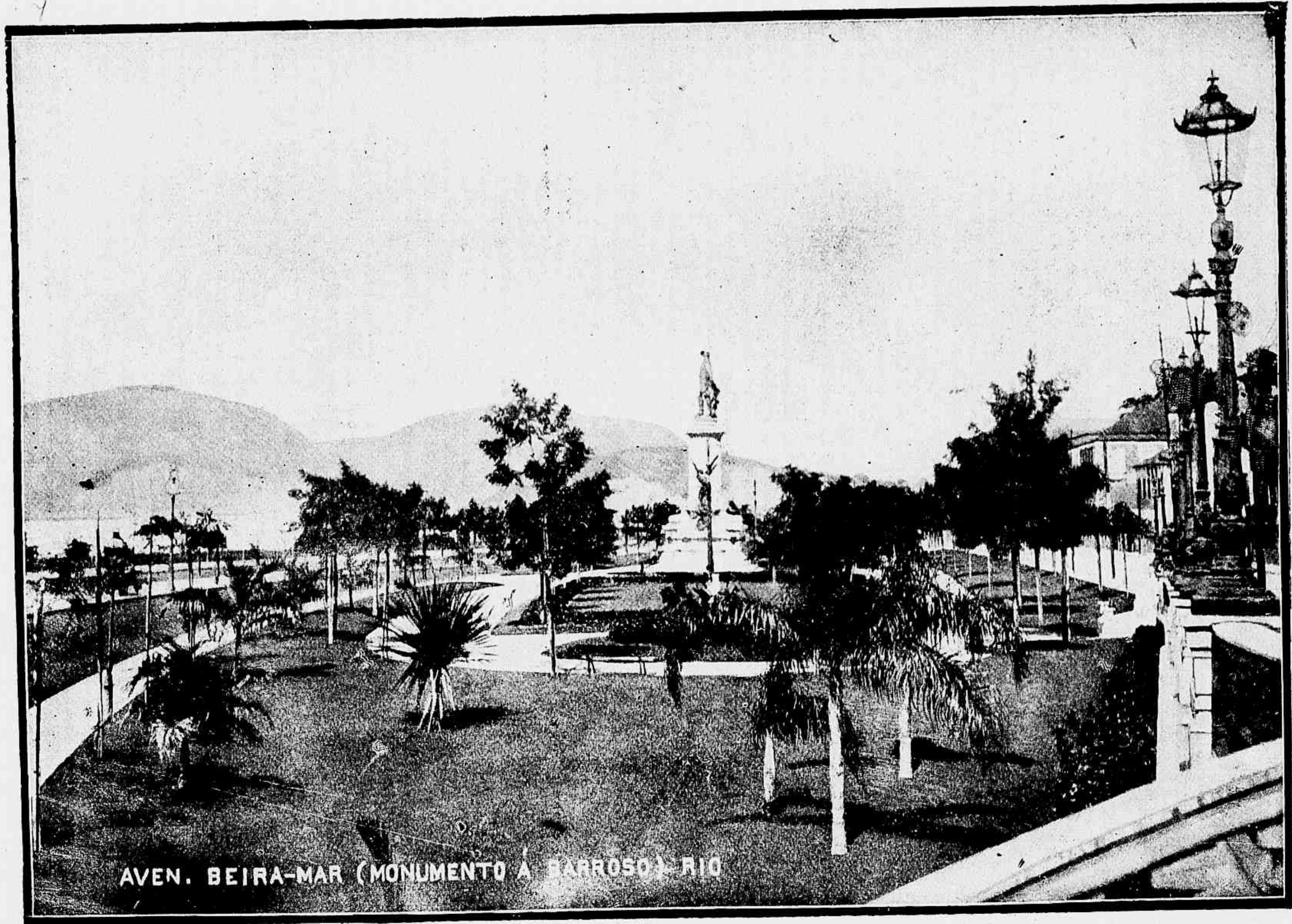
Jornal das Moças

Mlle. Bellinha Araujo

-ANNO 2-Nº 23
RIO-15 de ABRIL
-1915-

400 Rs.

AVEN. BEIRA-MAR (MONUMENTO Á BARROSO) - RIO

FOLHETIM 22

JULES MARY

AMO-TE

Segunda parte

A condessa não o perdera de vista e tinha seguido, com interesse, todos os seus movimentos, respondendo ao mesmo tempo a algumas observações do Sr. Joseph, não que ella se interessasse pelo assumpto, mas por méra cortesia.

O director notou o desastre do operario, franziu a testa mas não lhe disse nada.

O operario queria recomeçar o seu trabalho, mas suas mãos tremiam.

Rosen se approximou e interrogou-lhe.

—Que tendes hoje, Rudenberg ?

Estaes doente, talvez? Não estaes bem certo do que fazeis. Passastes a hontem mal, bebes por ventura ?

Rudenberg voltou-se. Passou a mão sobre a fronte suarenta e respondeu com acanhamento, em voz baixa, como se quizesse que as suas palavras não fossem ouvidas por outrem.

—Não, senhor Rosen, sabeis muito bem que eu não bebo.

Entretanto é verdade que hoje estou sem sorte, são dias...

—E é mais isto, justamente no momento em que a patrôa observa o seu trabalho!

—A culpa não é minha, Sr. Rosen, bem queria que tal desastre não me acontecesse, disse o operario humildemente.

Esta voz!... Como soava aos ouvidos attentos de Genoveva! Poderia ter ainda alguma duvida? Quem algum dia tinha-lhe murmurado tão doces palavras. Não era a mesma voz que pela primeira lhe dissera—Amo-te ?

De quem podia ser pois esta voz que tantas recordações lhe trazia ?... Sim, o homem que se dizia chamar Rudenberg, ella já não tinha a menor duvida, era Montbriand.

Agora, depois desta surpresa, ella sentia-se fraca, abatida como de outras vezes quando passava pelas terriveis angustias que lhe mortificavam a existencia.

Levantou-se, vagarosamente, pallida, e indecisa.

—Demorei-me aqui muito tempo, faz muito calor nesta sala, dai-me o vosso braço Sr. Rosen.

O director inclinou-se reverente e acompanhou-a para fóra até o pateo, onde se respirava melhor.

Genoveva encaminhava-se para o bosque.

—Si vos sentis fatigada, minha senhora mandarei um operario chamar vosso carro.

—Não, não, é desnecessario.

Depois de alguma hesitação perguntou.

—Quem é esse operario que chamaste Rudenberg.

—Elle está na fabrica ha seis mezes apenas. Ninguem o conhecia, não é d'aqui; ainda que francez, disse ter feito sua aprendizagem na America e esteve tambem na Italia nas principaes casas de Veneza, como provou com os attestados que possue e por isso nós o recebemos de braços abertos.

— E durante todo esse tempo vos julgaes satisfeito com esse operario?

Não sei porque motivo, esse homem me interessou. Dizei-me a seu respeito o que sabeis.

— Será pouca cousa, senhora. Rudenberg não é casado e vive só. E' um pouco selvagem, não frequenta absolutamente as reuniões de seus companheiros.

«Conversei varias vezes com elle e acreditei notar, em certos torneios de phrases, certas expressões, que elle devia ter tido uma invejavel educação, é instruido, muito mais do que o são em geral os operario, os quaes não se cançam de fazer alarde de seu saber, logo que se sentem um pouco limados.

«Nada tenho a dizer contra elle. E' humilde e triste, trabalhador, embora não mostre grande gosto no seu officio, com a ausencia de certos detalhes que elle devia conhecer.

«Não poderei melhor resumir a respeito desse operario do que vos dizendo, senhora, que Rudenberg me parece um homem acima da sua posição actual :

«Elle com certeza aprendeu o seu officio a vapor, e eu me engano inteiramente si elle não ha pouco tempo que exerce a nossa profissão.

«Finalmente, mantenho-o ainda na officina, poque é um homem sério, cumpridor de seus deveres, embora, como ha veis notado, senhora, não lhe confie trabalhos delicados.

«E' delicado e polido com todo o mundo. Nossos operarios são rixentos, sem malvadez, quasi por indole. Alguns têm querido tirar questão com elle, logo que elle foi admittido na fabrica, por causa de seu mutismo e porque se obstinara em viver afastado dos outros.

«Sómente os mais ousados hão observado que Rudenberg tem o pulso um pouco pesado. Depois que isso foi notado, respeitam-n'o. E como elle é muito complacente, sempre prompto a prestar serviço e favores, acabarão certamente por gostar delle.

«Olhae, vem a proposito, eil-o que sae da officina. Não nos vê. Parece um pouco doente.

Effectivamente, Rudenberg acabava de apparecer e afastava-se a passos lentos, pensativo...

Genoveva não perdia de vistas os seus gestos, os seus modos, o seu andar.

O operario parou, com o olhar vagamente fixo adiante de si, os braços pendentes, o dorso curvado. . como que cedendo a forte fadiga ou talvez devido ao enorme calor dos fornos.

Tirou o lenço e passou-o pela testa.

E Genoveva, cujo coração batia a não poder mais, viu perfeitamente que o lenço da testa descia até aos olhos.

Afastou a vista e, nervosa:

— Está bem, senhor Rosen, agradeço-vos muito. Sinto-me melhor. Não tomo mais o seu precioso tempo.

E, com passo rapido, como si tivesse querido escapar a si mesma, quasi a correr, penetrou no bosque, que o sol illuminava obliquamente agora, ferindo com seus raios os troncos das faias e dos carvalhos e baixando a illuminar os fetos altos e espessos, para acariciar depois, com seu fraco brilho o musgo humido e as pallidas flores das grotas obscuras.

Montbriand na fabrica de vidro! Com que fim? Adeus, calma de sua vida, ganha com tão grande sacrificio!

Ella não ousou dizer nada ao pae, pois bem o sabia energico.

Trinque não hesitaria, não daria parte de fraco. Que elle descobrisse a presença de Heitor nas officinas, e embora tivesse de recorrer aos tribunaes, o expulsaria immediatamente.

Seria um milagre que o pae não se encontrasse um dia com o Conde.

E' bem possivel que já o tivesse encontrado, sem o reconhecer, pois a velhice lhe tinha tornado os olhos vacillantes em seus movimentos e a vista fraca. Ou quem sabe si, nas raras vezes que elle percorreu as officinas, o operario Rudenberg não estava de folga?

E esse nome de Rudenberg não podia produzir em seu pae a menor impressão.

Montbriand vivia alli lado a lado com ella. Nada a havia advertido desse perigo, fôra como simples acaso. Que viera elle fazer?

Sombrios pensamentos invadiram o seu espirito.

Passou varios dias sem sahir. Ella não o temia, mas tendo vivido ha muitos annos num grande amargor de coração, sentia, como egoista que era, um invencivel terror contra tudo o que lhe parecia ser um entrave á quietitude de sua actual existencia.

Entretanto, era-lhe preciso retomar as occupações diarias, afim de não despertar

supeitas de seu pae, sempre attento e sempre em guarda.

Mas procurava evitar os bosques de carvalhos. Foi para uma das alleas das faias que ella dirigiu os seus passos, no seu primeiro passeio depois da conversa com o chefe das officinas, em companhia de seus dois filhos.

Desceu até ao Deule, sentou-se á margem do rio, emquanto Henriquinho pulava por sobre os mólhos de feno cortado e Magdalena, sempre séria, pensava, e ella tambem, scismadora e distrahida, com sua alma ausente, a rodar pelos corredores e salas da fabrica, encarava a agua do rio a rolar sempre.

Henriquinho nem sempre acompanhava a mãe. Depois das lições, tomava o seu arco e as suas flechas inuteis e lá seguia para os bosques a dar combate aos passarinhos, a que não mettia medo.

Partia, armado com seu carcaz ás costas, como um caçador ousado.

A's vezes, um caxinguelê ao saltar do ninho, dava com elle, paciente, astuto e nunca sem esperança de encontrar um ponto por onde passar.

Um dia, achava-se assim em pleno bosque, em seu ponto predilecto, não muito longe da alléa que ia ter á fabrica de vidro.

Uma faia soberba elevava ao céo o docel verde de suas galhadas. Forte ventania passava por sobre as altas arvores, em rajadas violentas. A' sombra, porém, do bosque, os arbustos conservavam-se erectos, como si nenhum sopro de brisa passasee naquelle instante por toda aquella redondeza. Parecia estar-se alli em dia calmo de verão; mas, entretanto, no alto, as franças e galhadas copadas das grandes arvores andavam em verdadeiro rodopio, em vertiginosa agitação de troncos e folhas.

Longos e fortes estalidos, em intervallos regulares, ouviam-se, como resultado daquella luta gigantesca para resistir á furia da ventania.

De repente, de um amontoado de raminhos de côr escura, organisados em ninho tosco, escapa-se com velocidade extrema um pequeno animal vermelho que deslisa, avança, cáe, sóbe de novo, salta, cabriola, pousa, ora no alto, ora nos ramos mais baixos, atira-se de arvore a arvore, como um gymnasta aéreo, e o ramo onde elle pousa ou cae, ou se equilibra, não se mexe quasi, tão subtil é seu pulo, tão leve seu corpo.

O vento o sacode e elle se deixa embalar voluptuosamente, como um marinheiro que adormecesse no alto das vergas ao balanço de seu navio.

Algumas vezes pende á cabeça erecta, atrevida, onde luzem os brilhantes de seus olhos pequenos e negros; agitam-se as suas orelhas delgadas e direitas, presta attenção ao movimento desordenado que vae pela sua cidade de folhas e troncos e se assegura de que por entre as ervas rasteiras, onde, durante o outono, tombam e se amontoam as sementes e os fructos já sazonados, não o espera certamente perigo algum.

Elle recommeçou seus saltos; desce approxima-se, rasteja, pára, pula de novo e vae e precipita-se ao longo do tronco. Mas Henriquinho tinha notado seus movimentos. O arco se inteza a pequena flecha, dirigida ao accaso fere o caxinguelê na cabeça e derruba-o mas o animal segura-se com as unhas na casca do tronco e fica assim suspenso, tremendo em agonia de um esforço supremo, para subir de novo, e morre, assim, suspenso no espaço.

O menino orgulhoso da sua bravata quer apanhar a caça para mostrar a sua mãi. Joga pedras sobre o caxinguelê mas sem resultado. Tenta subir a arvore e sente-se fatigado. Seus joelhos estão vermelhos, pelo attrito com a casca grossa da arvore. Seus olhos brilham. Elle chora afinal de colera pela impossibllidade em que se vê de apanhar o caxinguelê que matára.

Passa um operario. Henriquinho pede o seu auxilio. E' Rudenberg que ia para a fabrica começar o seu trabalho. Pára, olha com interesse o menino e os seus braços estendem-se para um amplexo, num movimento natural, mas elle se contém. Henriquinho mostra-lhe o pequeno animal suspenso da arvore.

— O', senhor, faça-me o favor... Acabo de matar aquelle caxinguelê, com uma flechada, mas elle está seguro pelas unhas e não quer cahir, não, sr., elle não quer cahir. E puxa Rudenberg que lhe segue sorrindo.

— Eil-o! Vede-o bem, lá em cima?

— Sim.

— Ide apanhal-o, sereis bem gentil e eu vos serei muito agradecido.

Rudenberg abaixa-se quasi de joelhos para ficar da altura do pequeno Henrique, agarra-lhe as mãos. Está commovido e seus olhos estão marejados de lagrimas, entretanto elle ri ainda, mas presentindo que não poderá conter as lagrimas, morde os labios e aperta com emoção as delicadas mãos de Henriquinho.

— Mas, então, não respondeis... Não me quereis prestar este favor?

— Sim, sr. Henrique, eu vos obedeço.

E sóbe pelo tronco acima, alcança o galho em que está o caxinguelê, sacode-o e o animal cahe sobre a espessa folhagem onde não havia muito tempo passeiava e saltava, mostrando sua agilidade incomparavel.

Rudenberg desce. Henriquinho ri de contente, correndo pela folhagem.

— Obrigado, sr., muito obrigado, eu direi a minha mãisinha.

— De nada meu pequeno, sinto-me contente com a vossa alegria, mas se quereis me pagar o pequeno serviço...

— O que será preciso, para isto?

— Deixai-me que vos abrace...

— De todo o meu coraçao, disse o pequerrucho, abrindo os braços... Ai como me apertaes... me suffocaes... Rudenberg apertava-o contra seu peito num amplexo de ternura apaixonada e o beijava na testa repetidamente. Depois deixou-o sobre a relva e partiu apressadamente.

— E' engraçado, este homem, murmurou Henriquinho.

Apenas o operario tinha desapparecido surge Genoveva, que inquieta pela ausencia demorada de seu filho perguntou por elle e informaram-lhe que elle brincava no bosque. De longe, ella viu Rudenberg perto do pequeno e seu coração maternal palpita de susto. Que teria dito elle a seu filho. E vendo os gestos de Montbriand pensa que elle quer carregal-o e que esperava este momento favoravel para o roubo abominavel.

(*Continua*)

ANNO II RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1915 NUM. 23

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis ; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a F. A. Pereira, director e proprietario—Caixa Postal 421.

Os originaes enviados a redacção não serão restituidos.

Redacção e Administração — Rua S. José, 55 — 1.º andar

CHRONICA

TEREMOS este anno a estação artistica?...

E' uma pergunta que se ouve a todo o instante. Que vem a ser essa estação artistica?...

Resume-se ella, quasi sempre, nas companhias estrangeiras que vêm completas para Buenos Aires e depois fazem uma escala de descanço pela nossa cidade com os elencos desfalcados das melhores figuras.

Este anno, com a guerra, é possivel que nos vejamos privados das companhias francezas, das operetas viennenses cantadas em italiano por bailarinas mediocres de talento e magnificas de belleza e dos bailados russos que vieram trazer a estes semi-barbaros paramos sul-americanos uma nota d'arte refinada da gelida e barbaresca Russia dos cossacos e dos monjicks...

Até agora ainda não se falou das companhias lyricas com os seus eternos e infalliveis repertorios que foram a delicia dos nossos avós ha quarenta annos passados...

Virão ellas?...

Que nos trarão de novo?...

Teremos este anno a ventura de ouvir novamente as melodias grandiloquentes e enternecedoras de *Parsifal?*. .

Não acreditamos.

A guerra e a crise deram-se as mãos de sangue e miseria e não nos permittirão tão cedo o goso de prazeres estheticos.

* * *

Essa falta talvez tenha o seu lado util para o nosso patriotismo de povo incipiente que deseja nivelar-se aos que edificaram a sua arte e a sua civilisação com muitos seculos de trabalho e de luta.

Já se falou novamente no Theatro Nacional, com subvenção da Prefeitura.

A darmos credito ao que se tem publicado a respeito, parece que os poderes municipaes vão de novo cahir no erro que presidiu as anteriores tentativas.

Para que theatro, de tentativa, com companhias organisadas sem criterio de relação, com maioria de elementos estrangeiros?...

As primeiras fracassaram. Tiveram apenas o merito de revelar, ao publico, que tinhamos dois ou tres actores de valor, e alguns escriptores capazes de produzir peças de primeira ordem.

Porém os resultados praticos dessas investidas foram completamente contraproducentes.

Do Theatro Nacional nada ficou que nos pudesse dar a esperança de vermos dentro em pouco tempo as peças brazileiras representadas com felicidade e com segurança.

O processo de negocio é máo para resolver a questão. Emquanto deixarmos que pessoas pouco competentes se colloquem á frente dessas tentativas nunca teremos theatro.

Tudo se resolverá em alguns espectaculos á pressa em beneficio de algibeiras vasias que serão refeitas para uma temporada de tranquillidade n'alguma cidade do velho mundo...

Desta feita, ou o prefeito resolve crear definitivamente o theatro official, sem a burocracia do antigo Theatro Municipal, ou teremos mais algumas dezenas de contos de réis desperdiçados nesta época de miseria que nos atormenta e difficulta a vida.

* * *

Parece que de maio em diante teremos nova serie de conferencias litterarias no salão do *Jornal*.

Nellas apparecerão alguns novos nomes e reapparecerão os que nos annos anteriores colheram o applauso enthusiastico dos tresentos de Gedeão...

Não quer isto dizer, absolutamente que a serie do *Jornal* seja a serie unica, a official, a dos consagrados

Senhorita Sinhá Almeida
assignante e apreciadora do *Jornal das Moças*

Não. Nella apparecem muitos nomes ignorados, e mesmo algumas conferencias pueris.

Outras conferencias são feitas em outros logares.

Virão as pró-alliados, pró-belgas, pró-germanos, etc.

Só acreditamos que ninguem se lembrará dos pobres que a secca está matando á fome lá nas longinquas terras ardentes do Ceará, do Piauhy e do Rio Grande do Norte.

Ser patriota no Brazil é uma cousa que envergonha... E' tão melhor amar o estrangeiro... E ser humanitario tambem é mais um pretexto para o exhibicionismo dos nomes nos noticiarios das gazetas elegantes...

Façamos algumas conferencias humanitarias, mas sejamos ao menos logicos. Trabalhemos para os nossos irmãos do Norte que estão morrendo á fome...

EM REVISTA

REALIZOU-SE no dia 7 do corrente, com este thema, a annunciada conferencia humoristica do illustre litterato Adelino Magalhães, que teve como collaboradores artisticos os intelligentes caricaturistas Nery e Stel.

Motivos de enfermidade impediram que Adelino Magalhães dissesse a sua conferencia, sendo, então a ultima hora substituido pelo caricaturista Stel, que além do uso do lapis, soube com habilidade fazer a leitura do interessante trabalho.

Eximios no movimento do traço, Stel e Nery, logo nos primeiros quadros que apresentaram conseguiram as sympathias do numeroso e selecto audictorio que, satisfeito correspondeu ao talento dos dois artistas atravez dos mais ardentes applausos.

A arte de ser elegante

A MILITARISAÇÃO da Moda, é o que as senhoras estão actualmente fazendo na velha Paris luminosa das artes e do mundanismo refinado.

Apparecem os chapéos á Joffre, os vestidos á French, as blusas á Rei Alberto, etc., e outras modalidades de vestimentas homenageando a este ou áquelle typo representativo na actual conflagração européa.

Si não é uma absoluta prova de máo gosto, tambem não é garantia de um apurado senso esthetico.

Imaginemos uma linda cabeça coroada por um capacete teutonico, tendo no cimo em vez da negra aguia bicephala um pombo de azas brancas e palmas ou um ramo de rosas aromadas?... Não poderiamos de nenhum modo evocar uma Walkiria evadida do *Wahalala* em pleno seculo do automovel e do aeroplano, e nem poderiamos recordar com enternecimento o capacete de *Lohengrin*.

* * *

A guerra que despertou nas almas femininas o divino sentimento da solidariedade humana e fez com que a fina flor da mocidade européa corresse pressurosa aos hospitaes da Cruz Vermelha, ridicularisou a Moda.

Um máo gosto terrivel tem presidido ás ultimas creações parisienses, a ponto de algumas senhoras adornarem-se com chapéos que não são nem chapéos nem kepis de soldadesca, e com vestidos que não são nem vestidos nem tunicas militares.

Si isso não nos parecesse uma cousa passageira, affirmariamos, sem temor, que a elegancia estava em plena agonia.

YVONE.

Os nossos jardins.

Com grande solemnidade fundou-se ha pouco mais de um mez nesta capital a Liga de Defesa Esthetica da Cidade que no seu programma se propõe a defender a belleza natural do Rio contra as selvagerias furiosas dos insensiveis que tudo querem destruir.

Os nossos jardins, por exemplo, devem merecer da Liga um carinho especial. Não só a Avenida Beira-mar é digna de cuidados extremos.

Ha jardins que em outros tempos nos deslumbraram e que estão hoje entregues á tiririca e ao capim.

Todos se lembram ainda da Exposição Nacional e do jardim que adornava o bello recanto da Praia Vermelha.

Pois tudo aquillo desappareceu. Parece que por alli passou a mão de algum genio malefico.

Porque a Defesa Esthetica não deita manifesto a respeito?...

O illustre dr. Julio Furtado a quem o Rio deve esses primorosos jardins sempre florentes, que são todo o seu encanto e o deslumbramento do estrangeiro, certo ha de voltar as suas vistas para aquelle recanto longinquo da Praia Vermelha.

Anniversarios

No dia 18 conta mais uma primavera o sympathico joven Wladimir Pereira, o *Silok*, nosso prestimoso auxiliar e constante collaborador das Paginas Infantis.

Mme. Maria da Conceição Carvalho Faria, digna esposa de nosso amigo dr. Martins de Faria, festejou a data de seu natalicio no dia 14 do corrente.

O dia 22 do corrente é a data do anniversario natalicio de mme. Amelia Pereira, virtuosa esposa do nosso director.

Fez annos no dia 2 a distincta sra. d. Maria do Patrocinio de Paiva, virtuosa esposa do coronel Antonio Machado de Abreu, muito digno presidente da Camara Municipal da Villa da Pedra Branca, Estado de Minas.

Festejou no dia 14 do corrente o advento das suas dezeseis risonhas primaveras a linda senhorita Branca Teixeira, filha do sr. Adelino Joaquim Teixeira.

Tambem festeja no dia 18 deste mez o seu anniversario natalicio, a gentil senhorita Guiomar Vieira, filha do sr. José Carlos Vieira.

Fez annos no dia 4 o distincto moço Ulysses Pinho Bastos, residente no Meyer, onde é muito estimado pelas excellentes qualidades de seu caracter.

Festejou no dia 12 do corrente o seu anniversario natalicio a gentil mlle. Oldina Lemos.

Casamentos

Pelo sr. Antonio Pereira de Oliveira, foi pedida em casamento a graciosa senhorita Stella Alves.

Contratou casamento com a gentil mlle. Laudiceia de Almeida, residente em Livramento, o sr. Luiz Edmundo da Costa, funccionario da E. F. C. do Brazil.

Com mlle. Maria da Gloria Santos, filha da exma. viuva Maria Rosa Bragança, contratou casamento o sr. Luiz Balli, do commercio de nossa praça.

Realisou-se no dia 6, em Vieira Braga, Estado do Rio, o matrimonio de mlle. Maria Palma Liberti, filha do capitão Francisco Liberti, commerciante em Funil, com o sr. Americo Sorrentino, filho do sr. José Sorrentino, fazendeiro naquella localidade.

Foram padrinhos da noiva o sr. João Camillo da Motta e sua exma. esposa, e do noivo o sr. Virgilio Americo de Azevedo.

O illustre dr. Arthur Cesar de Andrade, contratou o seu casamento com a distinta mlle. Lysia de Azevedo Sodré, filha do eminente professor dr. Azevedo Sodré, cathedratico da Faculdade de Medicina e director da Instrucção Publica Municipal e de mme. Luiza de Souza de Azevedo Sodré.

O noivo fez um curso brilhante na Escola Polytechnica, e tem desempenhado já commissões de responsabilidade e é filho do saudoso engenheiro sr. dr. Arthur Cesar de Andrade.

A noiva é um dos mais bellos ornamentos de nossa alta sociedade.

Em Bello Horizonte foi contratado o casamento de mlle. Ordontina de Oliveira, professora normalista e filha do sr. major Eduardo de Oliveira, com o academico Mario Pimentel.

Realisa-se no dia 20 do corrente o enlace matrimonial do sr. dr. Fabio de Azevedo Sodré com mlle. Irene Lopes, filha do sr. commendador João Lopes, vice-consul do Brazil em Paris.

Belleza cearense

Senhorita Arsenia Soares

Nascimentos

Acha-se em festa o lar do nosso amigo Orlando Carvalho e de sua exma. esposa d. Almerinda Carvalho, pelo nascimento de mais um herdeiro que se chamará Oriama.

Teve o seu lar enriquecido com o nascimento de um robusto menino o sr. Cezar Vieira de Costa, zeloso funccionario do Telegrapho Nacional, casado com a sra.

Vice-almirante Adelino Martins
estimado e illustre official da nossa Marinha e que festejou o seu anniversario natalicio a 9 do corrente mez

d. Dulce Martins Colombo, filha do nosso bom amigo capitão Idibaldo Colombo..

Club S. Christovão

Este elegante Club formado pela *élite* do bairro que lhe dá o nome, offereceu aos seus socios e familias, no dia 3, sabbado de Alleluia, uma *soirée* intima que esteve muito concorrida.

As dansas que começaram as 9 horas, correram com grande animação, ao som de uma magnifica banda.

Muito realce deram a essa festa as innumeras *demoiselles* e distinctos cavalheiros com suas elegantes e bellas fantazias. Presentes a essa *soirée* notamos, além de muitos cavalheiros, mmes. e mlles. :

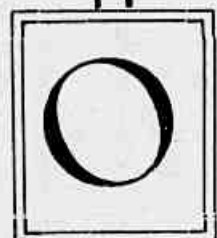
Laura e Lydia, Cleto, Carmen Souza, Djanira, Ramos Azevedo, Clelia Silva, Carmen e Iracema Neiva, Nair Maggessi, Georgina Naylor, Antonietta e Almerinda Valdetaro, Melita Cruz, Alda e Yára Portilho, Lila Garc'a, Eugenia Gonçalves, Rosinha Hass, Georgina Corita e Nair Souza, andaluza ; Antonietta Sanchez, odalisca ; Honnardina Dias, Odette e Zelina Carvalho, Natalina Fontes, Guiomar de Andrade, Aurora e Amelia Dias, pierrots ; Alice Penna, odalisca ; Odette e Maria Horta, pierrots ; Nilca Veiga, cigana ; Armenia Veiga, pierrot ; Aida Tupinambá, cigana ; Marieta Roso, Funice Barroso, Dalila, Sylvia, Carmen, Herminda e Alice Amarantes, Judith Carvalho, Marina a Marietta Sampaio, Dulce Campos, Othelina Figueireda, Carmen, Dolores e Clotilde Pladena, Dulce Torres Maria, Christina, Constancia Passerl, Orbella Ramos, Aurora Bastos, Dora Akermann, Marietta Jardim, Edith Garcia, pierrot ; Socida e Elza Lima, pierrots ; Laura, Walkyria, Guiomar e Stellita Vallim, Octacilia Rangel, Cordelia Santos, Hilda Roque, Letitia e Moeris Pedroso, Luiza Cordeiro e outras.

Damos neste numero algumas photographias da bella festa.

Maria Magdalena, a peça sac'a que durante a semana santa attrahiu todas as pessoas de bom gosto ao *Trianon,* foi um dos mais legitimos successos artisticos destes ultimos dias.

Baptista Cepellos obteve para os seus encantadores versos uma farta messe de applausos merecidissimos.

Não ha duvida ; o elegante teatrinho da Avenida Rio Branco está se tornando o ponto preferido da nossa élite.

Paginas do Coração

O DENSO véo de crepe da noite se desdobra por sobre a terra.

O silencio e o repouso são os soberanos absolutos e dominadores.

E' a hora suprema das concentrações mysticas ou das machinações perversas e dos planos machiavelicos. Os zephyros que passam são como o vozear das almas dos réprobos, que evadidas do Além, das incognitas paragens da morte, procuram ainda amedrontar os vivos.

As folhas seccas que rastejam impellidas pelo leve sopro da viração, produzem vertigem de medo e de pavor no espirito dos fracos. Mas no céo ha um esbanjamento perdulario de luz, uma prodigalidade mourisca de brilhos e de refulgencias !

Recamado assim de estrellas, entre as quaes se singularisa a grandiosa *Sirius,* o céo na pompa assombrosa de sua riqueza, lembra as naves do templo de Salomão ; um manto de princeza persa, ou os tectos faustosos dos palacios de *Nabonid* ou de Nabuchodonosor ! As noites sem luar são noites que se consorciam tão bem, com o estado d'alma daquelles que padecem de amor,.. E' que o luar, embora nos deslumbre, acorda dentro do peito as saudades que dormem.

E' por isso que, quando nos achamos distante daquella que é o idolo do nosso affecto, a arca santa das nossas esperanças, fechamos os olhos para vel-a.

E o nosso espirito, então, transpõe montanhas e valles e florestas e mares, e vai buscar a imagem da nossa idolatrada ! A's vezes olhamos para o céo ; fitamos uma estrella e fazemos della a confidente de nossa magoa, magoa que, como um bisturi impiedoso nos rasga e delacera o coração...

* *

Querida ! *Sirius* é a estrella de maior grandeza, a mais brilhante, a de mais rico fulgor. No céo da minha vida és tu essa estrella. E della, que és tu, faço — não a confidente de minhas magoas, porque junto de ti não as tenho, — mas o pharol poderoso que illumina a estrada que me ha de conduzir á gloria e a posse tranquilla do teu amor !

ROSAES SADI.

Instruir deleitando

Pôr a mão no fogo

PONHO *a minha mão no fogo* — é a formula ou antes, a expressão que usamos quando queremos provar a nossa innocencia ou garantir o caracter ou a correcção de alguem no modo por que procede.

A origem dessa formula de juramento vem da idade media.

Quando um individuo era accusado e protestava contra a accusação e o caso se tornava duvidoso aos juizes que iam julgar, faziam benzer uma barra de ferro e levavam-na ao fogo.

Assim que ella ficava incandescente, o accusado era obrigado a suspendel a e carregal-a até uma certa distancia — dez a doze passos. Outras vezes o accusado mettia a mão em uma manopla igualmente benta e tambem incandescente; ao cabo de tres dias levantavam o apparelho. Se não houvesse signal de queimadura, estava provada a sua innocencia.

Esta prova, porém, que existiu entre todos os povos, tem uma origem mais remota, ascende ao tempo do reinado dos deuses, na India. Sitah, esposa de Ram, para destruir as suspeitas injuriosas de seu marido, collocou-se descalça sobre uma barra de ferro em braza. O pé de Sitah, dizem os historiadores, estava envolto na innocencia; o fogo devorador foi para ella um leito de rozas.

Nó gordio

Quando ha uma pendencia, uma questão entre duas pessoas, questão que cada vez se complique mais e sobrevem uma terceira que resolve a cousa, pondo termo ao litigio, diz se que essa terceira pessoa «cortou o nó gordio».

Ainda mais: se ha um facto, um problema para resolver, facto difficil incomprehensivel mesmo, pela maneira por que se apresenta e vem alguem e o resolve, dizemos que esse alguem «cortou o nó gordio».

Gordio era um simples lavrador phrygio e chegou a ser rei.

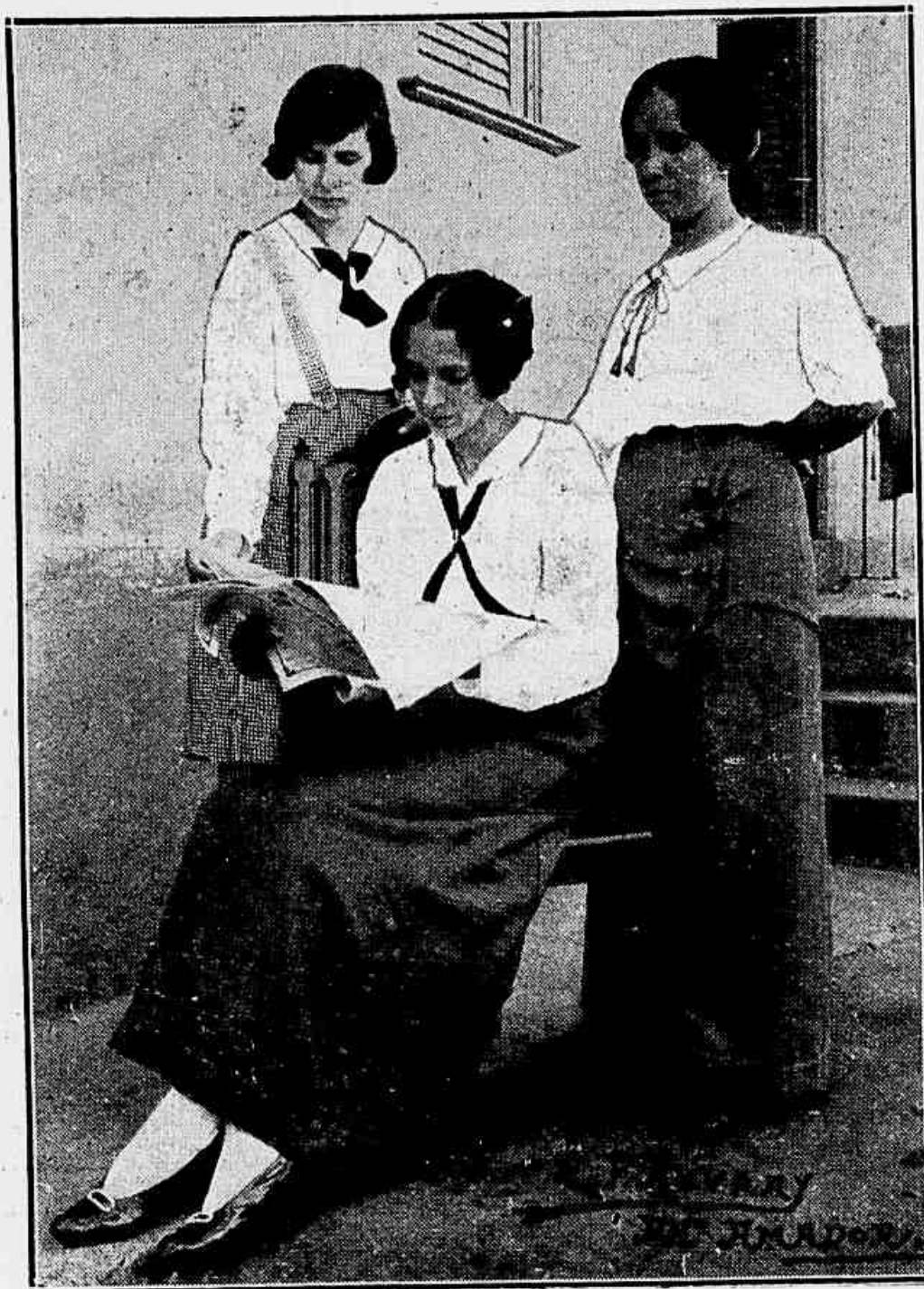
Midas, seu filho, consagrou no templo de Jupiter o carro onde ia seu pae. O nó que prendia o jogo do timão era tão bem feito que ninguem podia descobrir as extremidades.

Um antigo oraculo promettia o imperio da Asia a quem o desatasse. Chamavam-no o *nó gordio* ou de *Gordio*. Alexandre tendo-se apoderado da cidade resolveu cumprir o oraculo para mais se impor no animo de seus soldados.

Depois de algumas tentativas infructiferas, desembainhou a espada e cortou o nó mysterioso. Illudiu o oraculo, mas não o realisou. Entretanto conseguiu o que desejava.

MLLE MIMI.

CLUB DE S. CHRISTOVÃO

A directoria e suas exmas. familias que assistiram ao grande baile realizado no sabbado d'Alleluia

Senhoritas Emilia, Zica Auvray e Laura Vallona

Sete e meia da tarde... Madame impacienta-se já com a demora do marido que, invariavelmente, mathematicamente, se recolhe ás seis em ponto. Ouve-se o telephone, que bérra insolentemente. Madame corre ao apparelho, toma do phone, e ouve em bom accento parisiense: — *Allô! C'est bien toi, mon petit coucou? Il y a longtemps que je t'attends... Debruille toi vite de la Vieille, et viens... Cà c'est dégôutant, et tu me fais...* Neste momento Madame enraivecida deixa o phone e vae para a janella mordendo o lindo *tea-gown* que a veste. O marido demora ainda alguns minutos, até que um bond o vem deixar risonhamente á porta... Madame recebeo-o disfarçadamente alegre, como se nada soubesse, e nota, ao contrario do que succede sempre, que elle não procura se desembaraçar do *frack* cinzento e elegante que o acompanha sempre.

— Então, temos festa hoje? interroga Madame...

— Não. Estou aborrecido porque fui convidado para uma sessão importante na Maçonaria e á qual não posso faltar, respondeu elle.

— E', sim, retruca Madame, mas você hoje não me sahe d'aqui, *mon petit coucou,* porque o *Bode* da Maçonaria fugiu e tocou o telephone p'ra aqui, falando francez e marcando a sessão para o Palace-Club... O elegante doutor ainda está desfallecido no divan...

Beira mar é o titulo de uma magnifica valsa para piano, composição de J. R. Coelho, illustre litterato e jornalista. Agradecemos o exemplar que nos foi gentilmente enviado.

CARTAS DE AMOR

Meu amado

A LOCOMOTIVA estava prestes a partir, fiz as minhas despedidas, tomei o comboio e apenas pude te dizer um adeus! com um triste e prolongado olhar e um leve movimento de cabeça, lembras-te? Mas o meu coração vinha sangrando por não poder ao menos te confirmar um sentimento que já devias suspeitar.

Queria segredar te a palavra: — amo-te! para que avaliasses a extensão da minha dôr naquelle transe amargurado.

Circumstancias imprevistas impediram-me de o fazer, e hoje vivo immersa em profundas saudades, carpindo a minha desventura.

Da minha soledade, vivendo apenas deste amor que é o meu unico lenitivo, envio-te o meu coração nas petalas de uma saudade.

RATTINHA.

Minas — Ponte Nova.

VINTE E UM DE ABRIL

Ao Ernani.

LEMBRAS-TE querido desta data, sublime dia da nossa felicidade?! Sim! has de lembrar-te; visto que muito, me amas para poderes olvidar o dia inefavel da nossa ventura.

Quem mais feliz do que nós? O que temos para invejar? Amamo-nos muito, vemos diante de nós um futuro risonho, um céo azul e estradas roseas, onde, descuidadas e felizes, caminham nossas almas, num amplexo doce e indestructivel.

Vivemos jubilosos e indifferentes a tudo que não seja o nosso amor, que é a nossa vida.

Tudo sorri, festejando a nossa ventura.

E quando se firmou a nossa felicidade? Nessa data memoravel que eu guardo em minh'alma como em um relicario sagrado.

....

E o que poderemos desejar agora?

A eternidade de nosso affecto purissimo e a sua consagração futura no altar, perante Deus.

E quando *alguem*, que machinou a destruição desse nosso amor, humilhada ante a demonstração eloquente da nossa ventura, se recordar da sua perfidia, nós seguiremos felizes, despreoccupadamente, vivendo um para o outro, pairando muito acima das mesquinhas ambiçõee deste mundo de illusões, de invejas e mentiras.

Dendem.

A Arte da Belleza

II

(Continuação)

QUEM quizer fazer o uso indicado, compre um par de luvas folgadas, abra-as, derrame dentro uma ligeira camada desta massa, torne a cozel-as, durma com ellas nas mãos, e verá como estas ficam macias e de formosa tez.

Quando as mãos são asperas e sujeitas a gretas póde-se empregar esta agua:

Sumo de limão...........	2 onças.
Vinagre de vinho branco....	3 onças.
Aguardente...............	1 quartilho.

Tem o pé sua belleza propria que não é para desprezar, e não mais do que uma pontinha delle mostrada a proposito tem feito conquistas para toda vida.

Comtudo, a este respeito não sabe minha tia mais do que remetter-nos para algum sapateiro habilidoso, que os ha entre elles que são capazes de fazer milagres.

Mas se nem mesmo um sapateiro a tanto poder abalaçar-se, então o unico recurso é um vestido bem comprido.

Para dar á voz as devidas inflexões, doçura e suavidade, pois tambem a voz é parte constitutiva da belleza, tanto que nunca passará por completa a dama que não souber falar meliflua e melodiosamente, aconselha-nos minha tia a leitura assidua em voz alta e quando puder ser na presença de pessoas que saibam e se prestem advertir-nos, e quanto ao porte que deve ser gentil e garboso, mas sempre accommodado ás proporções geraes do corpo, e sobre tudo modesto e recatado, tambem pouco mais se póde fazer do que indicar regras genericas que pouco insinuando a quem tiver bom gosto, e o fino tacto das conveniencias, serão inteiramente perdidas para quem não possuir estes dotes. Pelo que toca ao trajar, deve ser gracioso e singelo, mais elegante do que sumptuoso, e muito particularmente accommodado á condição e posição social de cada uma, sendo as custosas galas só permittidas ás matronas opulentas e em occasiões solemnes. Aqui pois ainda tudo é materia de gosto.

Já não está no mesmo caso o cabello, belleza mui digna de cultivar-se e ornamento como não ha outro tão precioso. Tomae o mais formoso rosto, ponde-o numa cabeça raspada, causará horror. Neste ponto porém, muito póde felizmente a arte em despeito da natureza, e quasi não ha ninguem que se não possa ornar de magnificos cabellos, prestando incessante attenção ás leis do seu crescimento e conservação.

Devem os cuidados principiar da infancia, idade em que se devem trazer curtos os cabellos, aparal-os a miudo, e não deixar passar um dia sem laval-os com agua fria até á raiz, e escoval-os bem, evitando quanto

CLUB DE S. CHRISTOTÃO

Aspecto do salão do Club S. Christovão no grande baile a phantasia realisado no sabbado d'Alleluia

A senhorita Sinhasinha e seu irmãosinho Geninho

se possa o uso do pente fino, cujos dentes irritam e arranham a epiderme, produzindo a caspa e não raro até alguma molestia da pelle. O emprego da escova, porém, nunca será por demais frequente, em qualquer época da vida, e com ella se triumpha duma cabeça de porco espinho. Sobre tudo de manhã ninguem deixe de passar cuidadosamente a escova nos cabellos.

Duas escovas são indispensaveis num toucador, uma para limpar, outra para alisar os cabellos, devendo aquella ser preta e branca a segunda. Laval-as é arruinal-as em pouco tempo, mas esfregam-se com farello para tirar-lhes a gordura, e quando principiam a ficar molles demais, mettem-se em partes iguaes de espirito de ammoniaco e agua.

Manifestando-se alguma enfermidade no couro cabelludo, póde-se recorrer, como remedio seguro, a seguinte ablução:

Sal de tartaro............	3 drs.
Tintura de cantharidas.....	15 gottas.
Espirito de camphora......	15 gottas.
Sumo de limão...........	1 quartilho.

Para evitar que os cabellos branqueiem antes do tempo, o melhor remedio é a temperação, a moderação em todas as cousas, e frequentes lavagens com agua pura e fria. O emprego mui frequentemente de ferros de frisar póde apressar as cans por que em geral todo o calor não natural destroe o fluido colorante dos cabellos.

Entretanto, quando, apezar de todos estes cuidados, principiar a cabeça a tornar-se grisalha póde-se empregar com proveito, pelos menos ainda durante alguns annos, esta receita:

Oxydo de bismutho..........	4 ds.
Espermacete................	1 »
Banha de porco..............	4 onças.

Derretem-se juntos a banha e o espermacete, e quando principiam a esfriar batem-se com o bismutho, podendo-se deitar o perfume que se quizer.

E' erro grosseiro, mas mui espalhado pensar que o uso abundante de gorduras adoça e amacia os cabellos, quando ellas pelo contrario obstruem os póros, cuja livre acção é necessaria á saude. Uma belleza de Munich, celebre pelos seus soberbos cabellos, batia todas as manhãs quatro claras de ovos até se tornarem bem espumosas e esfregava com ellas os cabellos perto da raiz.

Deixava-os seccar e depois lavava-os com uma mistura de rhum e agua rosada em partes iguaes.

A chamada *agua de mel* é empregada por todas as senhoras elegantes, e compõe-se desta fórma:

Essencia de ambar gris.......	1 ds.
» » almiscar...	1 »
» » bergamota..	2 »
Azeite doce.................	15 gottas.
Agua de flor de larangeira....	4 onças.
Espirito de vinho............	5 »
Agua distillada..............	4 »

Juntam-se todos estes ingredientes e deixam-se repousar quinze dias, depois filtrando tudo por um papel poroso, guarda-se a composição numa garrafa para della fazer uso. E' uma bella agua e um perfume excellente.

Por mais que se faça, sempre chega um tempo em que já nada ha que impeça o cabello de obedecer á lei cruel da natureza fazendo-se branco. Então o unico meio será tingil-o, se restar ainda no rosto algum resquicio de belleza que valha a pena fazer valer. Mas, as preparações que neste intento se empregam, o menor mal que fazem é acabar de estragar o cabello, havendo-as até que levam drogas taes que respiradas puras suffocariam immediatamente. A unica, que me atrevo a recommendar é a seguinte, receitada por um velho medico e chimico de Lisbôa:

Acido gallico...................	10 drs.
Acido acetico..................	1 onça.
Tintura de sesqui-chlorureto de ferro	1 onça.

Dissolve-se o acido gallico na tintura de ferro e ajunta-se-lhe depois o acido acetico

Antes de fazer uso desta preparação, é necessario lavar bem o cabello com agua e sabão e uma preciosa particularidade della é tingir para preto ou para castanho conforme se applica ao cabello ainda humido ou já perfeitamente secco. Embebe-se nella um pente fino e passa-se pelos cabellos a principiar da raiz, até tomarem a côr desejada. Depois emprega-se oleo e escova da maneira usual.

PANCHITA MONTEZ.

(*Continúa*)

Que é feminismo?

O FEMINISMO, causticamente chamado *mulherismo*, foi por Leopold Lacourt qualificado de « duello dos sexos ».

Excusado é explicar a sua derivação etymologica que é clarissima; é necessario, porém, dar a sua definição que é difficillima. As doutrinas feministas, com effeito, (bem como as socialistas) nada têm de fixo e absoluto; ellas variam consideravelmente, consoante os dictames das differentes escolas que as apregoam.

E, cumpre notal-o previamente, o *movimento feminista* é cousa muito diversa da *acção feminina*, com a qual se não pode confundil-o. Esta não tem connexão necessaria com aquelle: haja vista o Brazil, onde alvorecem hoje em dia grandes iniciativas femininas, mas sem dependencia de theorias doutrinarias.

Feito uma vez esse reparo, prescrutemos o objecto estudado, afim de penetrar na sua medulla.

Fóra de qualquer partido, e despido de suas côres locaes e de seus matizes accidentaes, pode o feminismo ser enunciado:

Uma doutrina que reivindica para a mulher, no codigo juridico, certos direitos calcados pelas leis em vigor; e, na sociedade, uma condição justa e legitima recusada pelos costumes e preconceitos.

Mas a questão toda está em sabermos dessas duas cousas: quaes os direitos postergados? Qual é a condição iniquamente recusada?

Sim, todos a uma reclamam; as opiniões, porém, muito discrepam quando se trata da natureza e extensão das reivindicações.

Ahi está todo o amago da questão.

Além disso, pela definição acima dada, se vê que o feminismo não é invenção de nossos tempos. Houve sempre uma tendencia para suavizar a sorte das desditosas filhas de Eva e melhorar a sorte da mulher no triplice ponto de vista politico, social e economico.

* * *

Cumpre agora falarmos um poucochinho sobre os varios systemas feministas, entre os quaes tres (1) merecem especial menção. Eil-os.

1.° O *feminismo poetico*. Sem programma, como sem ideal, algumas alminhas delicadas desvelam-se em alçar por cantos altisonos, o nome das deidades femininas.

Fóra de qualquer preconceito social ou religioso, esses vates choram a desdita das antigas escravas e predizem um futuro fagueiro ás rainhas do lar.

Achando na mulher uma como perfeição menoscabada até hoje, os adoradores do bello sexo promettem-lhe a mais completa desforra.

Valha a verdade! Tudo isso é bella litteratura: uns coitados chorando... umas coitadinhas!... *C'est très touchant!...*

(1) Brunetière, na revista *La femme contemporaine* ns. de Jan., Fev. 1904, discerne dois systemas.
Um outro periodico, *Annales de philosophie chrétienne*, Junho de 1904, enumera tres.

Senhorita Haydéa Ludaro Lins, residente em Campos

2.° O *feminismo revolucionario* é pregado pelas damas de touca phrygia. Ellas recorrem ás violencias (como as suffragistas inglezas) e propõem a suppressão da familia pelo divorcio e pela união livre. Para ellas deverá se apagar a jerarchia do lar domestico; e, si mister fôr, o marido deverá até curvar a cabeça perante a sua consorte.

Releva notal-o, as referidas idéas estão muito mais em voga do que se pode pensar. E essa propagação epidemica pode ser justificada por tres causas.

Antes de mais nada, é bom lembrar a psychologia da mulher que é sempre excessiva. *Nem boa nem má, será peior ou melhor*, conforme a phrase adagial de la Bruyère. Dotada de viva sensibilidade e de imaginação ardente, ella tem propensão para tudo quanto é exaggeração.

Em segundo logar, houve intensa propaganda de certo socialismo descabellado.

E como soe acontecer quando uma idéa encontra resistencia e reacção, muitos defensores da mulher julgando o estado actual das cousas um mal sem appellação nem aggravo, lançaram-se nos peiores extremos.

Emfim as mulheres sem ajuste de vida, as abelhas-mestras, as « semi-mondaines » e demais creaturas pare-

O sr. Guilherme Herculano, professor de gymnastica e duas alumnas do Collegio Ramps Williams

cidas acharam no feminismo revolucionario optimo argumento para justificar a sua vida irregular.

Entre os partidarios dessa falsa emancipação da mulher devemos citar mlle. Marie Deraisme que durante vinte annos dirigiu a *Associação pela emancipação progressiva das mulheres*, fundada por mlle. Daubé e Léon Richer, o chefe do grupo *Le Droit des femmes*. A agremiação mais turbulenta é a da « La Fronde » com um orgão do mesmo nome. Os excessos commettidos pela barulhenta mme. Marguerite Durand e de suas collaboradoras da *Fronde*, bem como as violencias de miss Pankhurst prejudicaram bastante a causa feminista.

Não devemos esquecer tambem os nomes de Bebel, Eugène Pelletan (*La Mère*), Léopold Lacourt (*L'humanisme integral*), etc...

3.° O *feminismo moderado* tem em mira salvaguardar na mulher a sua dignidade de pessoa, bem como o seu titulo de mãe e esposa.

Notaveis e abalisados sociologos defendem essa nobilissima causa, entre elles: E. Lamy, Sertillanges [1], Max Turmann, Turgeon, a viscondessa d'Adhémar, a condessa Maria de Villermont, mlle. Maugeret, mme. de Bully...

Na França formaram-se numerosas associações, haja vista a *Action sociale de la femme*, fundada por mme. Chenu; a *Tradition-progrès* da condessa de Brissac; a *Liga das Francezas* presidida pela condessa de Saint-Laurent; a *Avant-Courière* dirigida pela duqueza d'Uzès, etc... Existem varias revistas, entre ellas: *Féminisme chrétien* de mll. Maugeret e a *Revue féministe*, etc...

Dentro dos limites da doutrina christã, os proprios catholicos iniciaram intenso movimento. Na Belgica, mme. Louise von des Plass escreveu: *Pourquoi les chrétiens doivent être féministes*. Na Allemanha houve em Berlim, aos 22 de maio de 1904 um congresso das professoras catholicas. No dia 16 de dezembro de 1903, foi creado o *Volksverein* feminino. O vulto mais eminente do *Frauenverein* é a sra. Gnauck-Kuhne. Na Italia o partido possue valioso periodico, *l'Azione muliebre*.

Mantendo a jerarchia conjugal, necessaria para a paz do lar, o feminismo moderado exige a abolição de tudo quanto não se adjectiva com a dignidade da companheira do homem.

E não ha negar que ainda hoje, em certos meios, a mulher não passa de uma semi-escrava ou de uma boneca. Mórmente a sua condição economica é, por vezes, pessima. Por estatisticas publicadas em 1909, vê-se que na capital da França se achavam em vida isolada cerca de 80.000 moças, das quaes apenas 2.000 tinham honesto abrigo; havia tambem perto de 250.000 solteiras trabalhando no aluguel: são algarismos eloquentes que mostram quanto é precaria a situação das donzellas pobres nos grandes centros de nossa moderna civilisação. Si publicassem estatisticas do mesmo genero para a nossa Sebastianopolis, certamente fariamos as mesmas descobertas desagradaveis.

ETIENNE BRASIL.

(*Continua.*)

[1] Sertillanges, Féminisme et christianisme, Lecoffre, 1908.
Turgeon, Le féminisme français.
Max Turmann, iniciatives féminines, Lecoffre, 2 edição, 1905.
V. d'Adhémar, La femme catholique et la démocratie française, Perrin, Paris.
C. de Villermont, Le mouvement féministe, Paris, 1900, Bloud.

Entre amigas

— Quando tenho de veranear não sei o que hei de levar commigo.

— Oh! pois eu sei e é muito simples: levo todos os meus vestidos e deixo o meu marido.

Desillusão

A MELHOR phase da existencia humana, é, sem duvida, aquella em que passamos illudidos sem percebermos a voragem na qual somos arrastados por essa miragem enganadora a que muito bem qualificaram por vida.

Quando se vive enganado, a vida é boa; só occorre ao cerebro pensamentos infantis, povoados pelas mais risonhas phantasias.

Por isso é, que todos os que nunca experimentaram os effeitos tetricos e algumas vezes funestos da desillusão e da descrença, á ella se agarram com furores desmedidos.

Mas aquelles que ha muito já sentiram sobre si os seus effeitos, os que já não mais possuem a illusão bemdicta das cousas terrenas, para estes a vida se afigura um labyrintho intermino, cheio de emboscadas e surpresas, d'onde todos procuram sahir, pois que, já desenganados, não os incommodam perigos e escolhos eventuaes.

Que é a vida?

Para que serve?

A vida não é, senão, uma herança recebida de mãos extranhas, que o homem cultiva á mercê da sorte para gosar sem usofructo, que lhe servirá de distração na sua passagem transitoria pelo mundo.

Quando a sorte favorece-o, julga-se feliz, e á vida tem apego; quando não, espera impaciente que a mesma força extranha que lhe deu a existencia, faça com que esta desappareça breve, como se nunca a tivesse conhecido.

E' a desillusão que delle se apodera!...

Quando estamos no goso das illusões de que falei acima, o nosso pensamento é favorecido.

Mas logo que percebemos a realidade das cousas que nos cercam quedamo-nos mudos e crentes que a vida é uma eterna messe de dissabores. Aqui volvemos o pensar para a philosophia das cousas, e, concentrados procuramos embalde a chave do enygma.

Eu me julgo assim; já tive outr'ora sonhos ridentes, phantasias puras, que se casaram ás esperanças de uma vida enganadora, que o tempo tudo dissipou!...

Meu pensamento mergulhou-se no tenebroso scismar d'abstração, e por fim, a descrença de mim se apoderou.

Vida, sonhos, castellos, tudo ruiu; e como alento para os meus males, só me resta a esperança de que a morte em breve me arrebate os ultimos momentos em que já desilludido fique inerte de corpo e espirito detestando tudo neste mundo.

Rio—15—3—1915.

ANTONIO TINOCO.

TRINDADE SYMPATHICA

Pela ultima vez

Á ti, Dorinho.

DESDE o momento em que me esqueceste, vivo dolorosamente martyrisada pela saudade... recordo-me constantemente dos bellos dias passados... Entretanto, sou-te indifferente, não existo mais para o teu coração voluvel...

Porque hei de, então, mergulhar-me na tristeza e na recordação, fugindo á alegria propria da minha idade, para só pensar em ti?... Não! E' preciso acabar! Transformar-me-ei! Saberei governar-me! Sepultarei no profundo abysmo do esquecimento a tua ingratidão, e, d'ora avante, serás para mim um ente simplesmente desprezivel!...

Ciumenta.

Botafogo.

O CÉO

A preclara escriptora Odette Marques

MUITAS vezes, nas horas mortas, o meu pensamento vaga pela amplidão insondavel das chimeras, cogitando na morada magnifica dos que tiveram neste mundo de enganos uma vida repleta de virtudes.

Eu sinto em minh'alma a miragem deste paraiso sublime onde os anjos entôam hymnos de alegria e amor, onde um jardim de flores sempre coloridas e bellas, inspiram aos que tiveram a superior felicidade de passar por aquellas paragens um sentimento de prazer immenso, onde, finalmente, se sente uma emoção suave, causada pela aragem amena que vem de outra região ignota, do longinquo firmamento.

O céo! — Eis o termo idéal das almas debeis e todas as esperanças dos pensamentos fracos. Estes enchem a vida de mil sacrificios inuteis, povoam o coração de innumeras utopias absurdas, trazem a mente completamente escravisada numa esperança illusoria e irrealisavel, procurando, até morrer, as virtudes mundanas para formar os degráos infinitos da escada ascendente que lhes transportarão ao paraiso. Quantas illusões, quantos enganos escravisam a intelligencia. Ah! vida, tu és um mysterio...

O céo não existe nas paragens sideraes e incognitas. Não, elle está no coração humano, que é maior do que toda a extensão do infinito.

HERTILYRA DE QUEIROZ.

Sonhando

Ao illustre Carlos Maul.

OH! como me lembro minha querida Alice!... Ainda hoje tua meiga e terna voz, me sôa ao ouvido tão suave como a flor que desabrocha.

....

A doçura sentimental de uma sombra, envolvia o alpendre em suas dobras de velludo. Flores muito purpurinas debruçavam-se na escadaria. Errava no espaço um perfume raro e vago, que parecia vir de todas as flores. Muito ao longe uma valsa moderna executada por um discipulo de Pan despertava a solidão. O rio proximo dizia baixinho aos passaros que habitavam as suas verdes margens a barcarola queixosa de sua magoa eterna, dando-nos a emoção da perpetua saudade...

Um silencio evocativo e saudoso pairava no terraço, onde uma ou outra phrase passava erradia Cada um de nós deixava florir o seu sonho dourado.

E' sempre bello o sonhar accordado!... Quem não sonha dos quinze aos vinte e cinco annos? Ninguem!... Alice, dezeseis, eu vinte e quatro! Seja amarga a realidade; a illusão debruça-se no varandim das palpebras dos nossos olhos e os sonhos illusorios florescem em sêda, rutilos de uma esperança bella!...

A noite, inimiga do dia, immensa, calma, perturbadora, desdobrava-se sem astros, e com uma suavidade celeste prendia-nos ao seu enlevo acariciador, arrouhando-nos a alma aos paramos das regiões divinas.

São tão proficuas a saudade e as recordações nessas noites sagradas, que suavisam a tristeza que os nossos olhos scismam.

Achei linda e exquesita a profundeza das noites escurecidas pelo mysterio...

Todos protestaram. Queriam o luar; o inesquecivel luar das phantazias e das evocações...

Mas o luar é triste... é quasi tragico, trás-nos a melancolia, sepulta-nos á alma no abysmo das meditações.

Eu fiquei só com a minha alma, fugindo a um sentimento que re-

Mlle. Leonie Neves

vestia de magoa o meu sonho mais querido.

Mais tarde uma chuva bemfazeja rompendo o véo de neblinas, trouxe-me a esmagadora realidade. Recordando os encantadores rostos femininos que me vinham illuminando á alma illudida, parecia-me que uma legião de anjos debruçava-se sobre mim para velarem pelo meu somno...

Morpheu, retirou-se; accordei!...

Rio — 1913.

MARCOLINO M. DE CASTRO.

Em tempos que já lá vão
Risos, luzes, flores, beijos
Riam no meu coração,
Jardim de rubros desejos;

Mas o jardim desmanchou-se
Varrido das tempestades,
E o meu coração tornou-se
Cemiterio de saudades.

Antonio Ribeiro.

O coração do poeta, é a ramagem florida onde o mais habil dos rouxinoes saltita e solta o seu canto suave e vibrante — o amor.

Adelaide Dourado.

CINZAS

O INCENDIO aqui lavrou.

O fogo indomito, tudo destruiu,na sua devastadora voragem! Palacios, choupanas, casebres, florestas, tudo se desfez no horror da destruição! E resta agora, das cousas que existiam, uma lembrança macabra nas cinzas que bóiam na amplidão dos ares... a mercê dos ventos!...

Desventurada Louvain! Troya desditosa! E, pois, este montão de cinzas, de pardacentas cinzas, não representa o fim das Cousas?... Cinzas e Pó, principio e fim de tudo que paira sobre a terra!... Pó, que é a nossa origem, a nossa vida, e Pó que é a nossa Gloria, o nosso triste fim!...

Por travez dos Tempos, tudo vive e tudo morre. E, emquanto a Humanidade apodrece soterrada nos vastos cemiterios, as cousas inanimadas, se desfazem, se diluem ao sól e á chuva, no desfallecimento natural que o Tempo lhes impõe; e, comtudo, são mais felizes do que nós porque não vivem... mil vezes mais felizes do que nós que soffremos as tosses e os deliquios longos de uma tuberculose febril, para alfim dessas torturas crusciantes, chegarmos sombrios, desolados e de olheiras á transformação do pó, pó que foi nosso principio e pó que será o nosso triste fim!!...

« Memento homo... »

Oh! este montão de cinzas, de pardacentas cinzas, é a apotheose final da Vida, a reversão ao Nada de tudo que existiu e existe!...

Cinzas! — que boiaes no espaço,
Impellidas pelos ventos!...
— Sois o fim, o resto escasso,
De vidas e pensamentos!...

CHRYSANTHEME D'OR.

Rio, 4-3 915.

HA mulheres de muito espirito, mas quasi todas sentem a falta do segredo de saber envelhecer; porém nunca ficam velhas as mulheres que foram boas de coração e de sentimentos nobres,

Decalogo das noivas

EIS um interessante «decalogo das noivas» que acaba de apparecer nos Estados Unidos, e cheio de salutares ensinamentos de... psychologia pratica:

1°. Procurae penetrar bem no espirito de vosso noivo. Os homens são animaes pouco sinceros quando estão em jogo o interesse e o desejo. Escondem menos cousas que as mulheres mas sabem velal-as melhor.

2°. Deveis exigir elegancia de sua parte, mas não excessiva; e homem muito correcto exteriormente, muitas vezes não tem tempo de cuidar de outras cousas... mais serias.

3°. Não vos caseis com um feminista; quem luta pela emancipação das mulheres, não as ama.

4°. Sobretudo não vos caseis com um homem tolo; uma mulher simples não tem pretenções. mas um homem imbecil julga-se sempre um genio incomprehendido.

5°. Não acrediteis que se possa viver em uma choupana com um coração... O tempo dos pescadores passou e as choupanas hoje, com o turismo triumphante não são mais os asylos solitarios e cheios de poesia de outr'ora.

6°. Observae as unhas de vosso noivo. Si são bem cuidadas, podeis jurar que elle é um homem delicado e de habitos limpos.

7°. Fazei falar o vosso candidato; pense os seus juizos até sobre cousas indifferentes: abrir-se-ão, assim, os esconderijos do seu cerebro.

8°. Não tenhaes um determinado ideal de belleza; o que importa é a saude e um pouco de «attracção sympathica», que é a resultante da bondade do corpo e da alma.

9°. Vêde si é trabalhador. Quem trabalha tem occupação; quem se occupa tem pensamentos, quem tem pensamentos não tem caprichos.

10°. Preparae, emfim, uma reserva de paciencia, de tacto, de doçura e de energia. Com a doçura amansareis um urso, e com a energia vos imporeis ás velleidades excessivamente dominadoras do mesmo. Emfim — para concluir — não useis nem um alfinete no vosso vestido de noiva. Tudo deve ser solidamente costurado. Evitae trazer, no dia da nupcia, enfeites de cor verde. Até as esmeraldas, nesse dia seriam nefastas.

A esse «decalogo das noivas» seguem-se uns conselhos para as esposas, não menos interessantes e suggestivos:

a) A felicidade de muitos matrimonios se perde, mais facilmente, em *cinco determinados minutos* do dia, do que nas outras 23 horas e 55 minutos do dia e da noite.

b) Os «cinco minutos criticos» são aquelles em que o marido, ao meio dia ou á noitinha, volta para casa, cansado de trabalhar.

c) Um marido, por enamorado que esteja, mostra-se então, irritado e nervoso. Basta que a esposa lhe pague na mesma moeda; basta que ella tambem se irrite ou se aborreça para que a paz domestica esteja perdida. A mulher pensa que o marido não a ama mais e sente-se horrivelmente infeliz. Depois, vêm as scenas das choradeiras, das queixas amargas, e das scenas desagradaveis, até que o marido, fóra de si, se refugia no club, no café, no cinematographo ou no theatro.

d) Esses cinco minutos são, pois, para a esposa «a prova do fogo». Attenção, pois, jovens esposas: ao vosso bom senso cabe impedir que o «fogo» da felicidade conjugal se transforme nas cinzas da discordia da separação e do... divorcio.

A nossa musica

Devido a um accidente de ultima hora, quando se imprimia a nossa revista, inutilizou-se um dos "chiches" da musica que devia ser publicada neste numero; isto porem, não trará prejuizo algum ás nossas gentis leitoras, que no proximo numero será publicada.

O mais excellente do galanteio é o asseio, o melhor dos cosmeticos agua fresca.

Grupo de gentis senhoritas e cavalheiros da nossa "elite" num "pic-nic" realizado nas Paineiras

Da sombra

ARVORE sempre nova, flor sempre cheirosa — carinho d'alma, sonho feito de saudade, como tu és boa, esperança, como vivificas. E's como o sol interior de cada corpo — tu, luz animadora, fazes cantar a vivida alegria, soltar o sorriso, criar o pensamento e estancar todas as lagrimas.

Como seria a vida monotona, se eternamente não apparecesses, — fazes sonhar, abres horizontes novos feitos de nevoa, sombras e luares, mas quanto nos consola a viagem que fazemos até ella e mesmo na hora em que a vemos sumir; outros horizontes crias e vae-se andando de um a outro, anciosamente, perdendo este e antevendo aquelle, até á hora triste em que os nossos olhos se fecham, como o panno que desce sobre o drama de uma vida.

Fata Morgana quanto a humanidade soffreria se a tua eterna e deliciosa consolação não a animasse.

Bem sei que és miragem, mas quero-te assim, mesmo nevoa, quero te assim, mesmo sombra, quero-te assim, mesmo sonho.

Se foges, immediatamente a descrença apparece — o *boudoir* que tu fizeste no coração, fechado pelo reposteiro d'alma, torna-se um mausoléo tristonho. A's vezes, conduzes á desgraça, porém a queda é agradavel, porque se morre com um sorriso, quasi sempre conduzes ao alto.

Doce esperança, anjo tutelar, como eu te abençôo!... Inunda-me, enche-me o coração com o harchirh do teu beijo; visita-me todo, occupa inteiramente a minh'alma, porque tu beneficias, porque tu fazes fugir os dias sem que a tristeza os ensombre.

Esperança de amor é o teu nome agora...

Fica, fica commigo, porque eu assim vivo com a minha amada perto. Ella é o novo horizonte que creaste, eu caminho para ella, caminho certo de que, na hora que meus labios a tocarem, desapparecerá, mas não faz mal, vive commigo. Vive, arvore sempre nova, flôr sempre cheirosa, donde se colhe o fructo que alimenta a alma e a essencia que perfuma a vida.

CALIBAN.

Senhorita Maria I. B. Bastos

A' senhorita Odette D. E.

QUANDO passa, por mim, linda como um sonho irrealisado, leve como o andar dum anjo, de olhares ingenuos e apressados que alvoroçam corações de sorrisos de diamantes a brincarem nos seus labios de morango, com serpentes de sedas caras amorosamente enroscadas na cabeça, e com rosas desmaiadas por entre a neve do seu rosto, o sol, escoando-se sorrateiramente por entre as folhas duma copada mangueira, vem espreital-a com olhos coruscantes, sedentos de mais luz... da luz que irradia desta belleza feminina.

Oswaldo.

SOMBRA

Eis-me em frente de ti como phantasma,
Calma, pallida e triste. Ouvi-me sombra:
Meu profundo olhar gelido te pasma
E minha voz monotona te assombra?

Sabes que te quero anjo perdido?
Bello demonio que meu ser tentaste
Nuvem de meu passado, astro cahido,
Quero meu coração que tu roubaste!

(Santinha).

Candida C. Silva.

Perfil de um anjo

E. C.

E' PEQUENINA, bem pequenina a gentil *perfilada* que aqui apresento. O seu todo *mignon* encanta, seduz, embriaga. Possuidora de grande talento a todos enleva com a sua fina palestra.

Os cabellos, lindamente ondeados, são negros, o que mais faz realçar a sua brancura de jaspe; a bocca pequena, escarlate, parece um botão de rosa ao desabrochar; os olhos, oh! que lindos olhos, são meigos, brilhantes — doces paraisos de amor, deixando transparecer a candura de uma alma angelica.

Não possue fórmas exhuberantes, e sim o corpo delicado de um anjo.

E', além de tudo, bastante modesta, tanto do seu talento, como da sua belleza.

Chegou de Campos não faz ainda um anno; é professora-adjunta de uma Escola Complementar do Estado.

Raras vezes sae, matando de saudades um dos meus amigos, futuro medico, que vive a se queixar da sua ausencia.

Um dia desses, por um acaso da sorte, elle encontrou-se no cinema com a deusa dos seus sonhos; ella, porém, ou não percebeu, ou mesmo fingiu que não via os ardentes olhares do meu companheiro, porquanto era tão frio e despreoccupado o seu olhar que elle, no auge do desespero, louco... de amor, disse-me, nervoso, apertando-me o braço: «E' de gelo aquella creatura.»

Dizem que o seu retrahimento é devido ao genio, o que não posso crer, tratando-se de moça encantadora e bastante bella.

Males do coração...

Sim. Ella forçosamente ama, e é talvez a ausencia do seu amado que a torna tão esquiva a tudo e a todos.

E vós, feliz escolhido de tão gentil creança, certamente encontrareis, nestas linhas, o perfil da vossa amada; perdoae-me, pois, a ousadia e acceitae um abraço amigo do sincero admirador da vossa bella effigie.

Barra do Pirahy, 4-3-915.

JUSTICEIRO.

AGUA

Para o sentimental poeta Ricardo Barbosa.

Agua, tremulo espelho cujo brilho
A' chamma do candente sol resplende...
Sempre a correr não achas empecilho
E vaes gemendo, mas ninguem te entende.

Em ti se estampa a imagem do teu filho!
O luar, que sobre a terra um manto estende...
Sob esse manto de crystal dedilho
A lyra que a gemer comtigo aprende.

E's o painel do Occaso: os horizontes
Desenham nessa téla, o rendilhado
Da verdura dos bosques e dos montes...

O teu rumor dá vózes ás cascatas
Que, tendo um céo azul por namorado
Soluçam harmoniosas serenatas!

Armando Verçosa.

De um livro em preparo—*Ruinas e Flôres.*

DOR VENTUROSA

Como bemdigo a dôr que tu me trazes,
Como soffro a sorrir este tormento!
Pois tão grande é meu nobre sentimento,
Que torna em bem o mal que tu me fazes.

Eu soffro muito, mas do soffrimento
Todas as negras, lutulentas phases,
São para mim um claro firmamento,
Pois é ventura a dôr que tu me trazes.

Querida maldição, soffrer eu quero,
Por tua causa todos os martyrios,
Por meu affecto todas as desgraças...

Nadando em sonhos meu amor sincero,
Sagrado e casto como os brancos lyrios,
Recebe as magoas por divinas graças...

Bruno Briarèo.

(Das Trovas Singelas)

BASTA!

Basta de tanto soffrimento... Basta!
Teu sorriso de escarneo me crucia,
Por demais, applicaste-me a vergasta
De tua fina e perfida ironia.

Minha paciencia está, de todo, gasta
De tanto supportar-te a tyrannia,
De ti me afasto, como quem se afasta
De um mal medonho, de uma epidemia!

Que foi tudo da bocca para fóra
O que eu te disse, sabes muito bem
E sabes que inda sou quem fui outr'ora.

E maxima certeza tens, tambem,
De que, a teus pés, me arrójo, sem demora,
Se me disseres, simplesmente: — vem...

Renato Lacerda.

QU'IMPORTA?!

Qu'importa coração, si ás dores te amoldaste,
Que o destino cruel de perto te persiga?
Qu'importa seu rigor ao qual seguir juraste, —
Em procura do ideal que o teu sonhar lobriga?

Qu'importa que o teu fado—oh! sonhador—te arraste
A um eterno soffrer e te vencer consiga?
Qu'importa que a alegria a te fugir se afaste
E, sómente, a tristeza em teu caminho siga?

Qu'importa que ao partir, não te bafeje a sorte,
Que tenhas de luctar e n'essa immensa lida,
Tu venhas succumbir sem attingir teu norte?

Qu'importa tudo, emfim?—Dura tão pouco a vida,
Que é mais nobre morrer, luctando como um forte,
Que sorrindo viver, tendo a alma embrutecida!

Juvenal Maia.

LOUCA!

?...

Louca! murmura toda gente! Louca!
Porque guardas no peito esta paixão?
Já anda por ahi de bocca em bocca,
Que já não tens oh! louca! coração!

O amor?! Escuta! O amor é phantasia
Com que se veste o coração. Creança!
Na vida, o amor não passa de utopia,
Mal que se tem, e bem que não se alcança.

—Mas que fazer meu Deus, se é bem verdade
Que uma louca serei eternamente,
Pois livrar-me do mal, emfim quem ha de?

Louca de amor serei. E' minha sina!
Louca! e pr'a sempre! sem tirar da mente
Esta linda visão que me domina!

Lia d'Alva.

Tijuca.

SONETO

Para a senhorita Zenaria Siqueira.

Partes... e não calculas minha santa
Como me fica o coração descrente;
O mesmo coração que te decanta
Que te consagra apaixonadamente.

Vaes... e minh'alma compungida sente,
Tanta agonia inconsolada, tanta!
Que eu scismo que ella vae viver ausente
Da mais bella mulher que a vida encanta.

Esta saudade atroz, tumultuaria,
Como dóe confessar, Santa ZENARIA!
O eterno pungir de quem te adora!

E' que talvez não tragas mais comtigo
Metade d'esse affecto que eu bemdigo,
O mesmo amor que levas n'alma agora!...

Pinheiro de Almeida.

Cartas que não voltam...

II

DESPEITO ou maldade?

— Contaram-lhe que eu repartira com outra o meu amor...

Tomada de ciumes a *Pequerrucha* mandou que devolvesse incontinente as suas cartas.

Dei tracto ao pensamento e nenhum motivo deparei que justificasse tão atroz e formal resolução.

Todavia, era preciso obedecer-lhe.

Tomei-as em blóco e ia mandal-as assim, sem um derradeiro olhar á cada uma, quando me occorre ter ella precisado o numero das cartas exigidas. Era, pois, de mister revel-as. E qual a minha surpresa ao encontral-as multiplicadas!

Em intimo regosijo, pensei em ficar com as excedentes! Estas me pertenciam, porquanto, não haviam sido reclamadas.

Mas, surgia uma difficuldade: como escolher dentre ellas, umas, e outras não?

Preferir aquellas, escriptas em plena serenidade do amor, cheias de effusivo carinho, evocações, beijos e saudades ou estas outras, ditadas pelo ciume em tempestades de imprecações e resentimentos que transfiguram a santa compleição do objecto amado?

Nos protestos de amor, formulados em doces madrigaes e reiteradas confissões, acontece estar ausente o sentimento, emquanto, nessas explosões de odio e crueis vinditas, existe sempre a verdadeira linguagem do amor.

Nas palavras de intempestivo *rancor* e acerbas recriminações, o odio não substitue o amor, este apparece em chammas indeleveis que traduzem as ineffaveis vibrações do coração.

No meio dessas reflexões e contrastes, resolvi entregar as cartas da minha amada, certo de que, passada a rusga, todas voltariam ao meu poder.

Um pensamento, porém, veio perturbar a firmeza da minha convicção. E' que repetidas vezes, ella me pedira que incinerasse certa missiva, dentre aquellas que constituiam patrimonio do meu amor.

Havia, pois, chegado o ensejo para fazel-o com as proprias mãos. E, por ventura, seria esta a unica immolada?

Cada carta que escrevemos tem o seu momento psychologico. Decorrido este, muitas vezes córamos deante de uma palavra ou expressão, que, naquelle instante nos pareceu tão bem!

....

A previsão realisou-se: a minha Pequerrucha nunca mais devolveu as minhas cartas!

EGAS.

Senhorita America Leal
residente em Paracamby—E. do Rio

Esquecer-te?

A senhorita "Carmelita Woelbert"

Tu me pedes que eu te esqueça;
Esquecer-te! — Pensa bem!
Queres que eu perca a cabeça
Quem coração já não tem?
— Sem coração — inda bem;
Que é esta a minha defeza;
Pois si eu ainda o tivesse,
Só de te ouvir esta prece;
Morreria de tristeza.

Esquecer-te! — Pede ao filho
Que esqueça o seio materno;
Ao justo que esqueça o trilho
Do céo e busque o do inferno;
Que em seu abrazar eterno
O sol se esqueça da luz;
Que o tempo não mais prosiga
Que a sombra ao corpo não siga;
Christo se esqueça da cruz.

Esquecer-te! — A liberdade
O livre arbitrio eu não tenho
Para fazer-te a vontade;
Porém tu pedes... convenho
E vou fazer todo o empenho
P'ra ver si o esforço consigo,
Mas com esta condição:
— Restitui-me o coração.
Que anda lá prezo comtigo.

Rio BENZINHO.

Ao centro mme. Ramps Williams, directora, e o corpo docente do Collegio Ramps Williams

A URBANIDADE DA CONVERSA

CONVERSAR bem, já foi assumpto discutido carinhosamente nas rodas aristocraticasdos tempos da renascença, e já os educadores do seculo XVII achavam util induzir a seus discipulos as virtudes dessa arte.

Feliz do principiante que se enthusiasma pela palestra agradavel, vinculo capaz de conduzir a creatura ás mais elevadas aspirações da vaidade humana!

Na juventude intellectual, muito vale a intuição do prestigio da prosa. Para quem principia, é grande incentivo volver o espirito observador para os encantos da conversação intelligente e observal-a como indispensavel á educação completa.

O fremito desse enthusiasmo, além de muitas e muitas vantagens que lhe são liames, suavisa as fadigas do estudo tornando-o agradavel, e impulsiona o principiante instinctivamente aos centros de cultura intellectual.

A prosa, entretanto, nem a todos se amolda, e depende muito de dons intrinsecos.

Por exemplo, os grandes pensadores, homens de muita erudição são geralmente pouco expansivos, e até genios ha, que por falta de gesto, voz, ou maneira nunca poderão seduzir palestrando.

Ao contrario, não raramente encontrámos pessoas que, de saber limitado, são pela affabilidade, e attitude correcta, capazes de agradar na conversação.

Comtudo, saber falar é difficel, não depende tão sómente de dons naturaes, mas ainda de esforço proprio.

E' necessario sem duvida á prosa interessante, variadissima cultura, a qual podemos juntar mais as seguintes cautelas aconselhadas pelos mestres: Precisamos ouvir os que nos falam, se quizermos ser ouvidos, e até deixar-lhes a liberdade de dizer cousas inuteis; penetrar-lhes de que se os ouve, e apoiar o que dizem tanto quanto mereça; interromper o menos possivel, nunca se desejar ter mais razão, e ceder facilmente a decisão de qualquer desencontro de idéas; deve-se abordar indifferentemente todos os themas naturaes, faceis e serios, e não exgottar os assumptos; demorar o menor tempo possivel a falar de si proprio, pois que tal, torna-se enfadonho e só pode interessar a pessoas de extrema amizade, assim como não será demasiado o cuidado de conhecer o alcance da pessoa a quem falamos; e d'ahi, toda a intelligencia na escolha da conversação adequada á idade, opinião, logar, etc.

Taes são no desejo dos mestres os principaes requisitos da boa prosa.

A pessoa bem conversada, além da ventura de ser buscada e querida de todos, tem ainda o prazer de sentir que em palestrando prende os amigos com alegria.

A conversa boa e amavel é dos maiores predicados que a creatura pode ter, é dos maiores factores da sympathia; torna ás vezes o direito torto e vice versa, auxilia-nos com melhor exito a couseguir o que queremos, e dispensa perfeitamente a belleza physionomica e as virtudes da riqueza.

Emfim, todas as vantagens traz-nos a boa prosa, desde os maiores resultados na vida pratica até as mais futeis satisfações de vaidade.

....

Bonito! eis ahi um exemplo de quem se mette a prosar sem saber o que é a prosa.

Arvorei-me em citar regras, arremessei-me ás regiões da lua e nem disse o que queria.

Emfim! mais um pouco de paciencia e prometto desvencilhar-me desta *attrahente* palestra.

Como disse acima, data de longos annos o cultivo da arte de conversar; desde o seculo XVII se vem discutindo e escrevendo a tal respeito; de sorte que, toda humanidade sabendo ou não comprehendel-a, sabendo ou não avalial-a, onde lê, sabe, que essa arte é muito util e cultivada nas rodas intellectuaes.

Assim, pois, o que tenho dito, a meu vêr são os rudimentos, a primeira noção da grandeza da prosa, e

Senhorita Iracema Alves Moreira
Neta do distincto esculptor Francisco Manoel C. Pinheiro

No Club de S. Christovão

Grupo de "Odaliscas" no baile de sabbado d'Alleluia

as principaes cautelas que o principiante deve tomar na conversação.

Todavia, devo aconselhar a não limitarem os horizontes a estes laconicos principios, mas sim a espraiarem-se na propria leitura do que desta materia teem escripto os grandes mestres.

Perdão! já ia novamente o enthusiasmo tomando incremento e creando uma secção extraordinaria para este jornal. Mais uma vez, um pouco de paciencia...

Não pensava ir além por ser este assumpto vasto e difficil, entretanto, cousas interessantes deixam-me desejoso de falar mais, e porisso, peço venia para transcrever certo trecho do que neste assumpto escreveu o grande mestre Duque de La Rochefoucauld, traduzido por um collaborador do «Careta» e tão gentilmente offerecido á publicidade.

> «Ha um silencio eloquente, que serve ou para approvar ou para reprovar, ha um silencio respeitoso; ha emfim, attitudes, tons, e maneiras que fazem muitas vezes o que ha de agradavel e desagradavel na conversação.»

Ora, eu (modestia a parte) apezar de obtuzo, de pouco lucido, sempre tenho pequena noção de tudo isto, mas, infelizmente como sou irmão gemeo da tristeza, amigo do socego, avesso ao artificio, debalde são todos os esforços que emprego para exercitar-me nesta utilissima arte.

O meu concentramento é de tal ordem, que em palestra sou incapaz de ligar duas palavras alegres dignas de attenção, só falo quando interpellado, e respondo tão somente ao que me perguntam.

E como eu muitos ha que soffrem desse mesmo mal. Assim conta-se que Elizabeth, filha de Pedro o grande e de Catharina I, da Russia, nos ultimos annos de vida transformou-se de uma senhora extraordinariamente viva e bella, numa velha rabugenta, incontentavel e sêcca.

Entre outros episodios do final de sua vida, lê-se nas memorias da imperatriz alguns caprichos. Por exemplo: mettera-se em cabeça que havia de jantar todos os dias na galeria principal do palacio sem hora fixada afim de evitar palestras.

Comtudo, as vezes succedia ao despertar o pessoal subitamente para servir o jantar, vir algum fidalgo importunal-a com prosas que por mais agradaveis que fossem não lhe eram toleraveis, ella então terminava a refeição levantando-se arrebatadamente atirando o guardanapo sobre a meza, deixando os commensaes estupefactos.

Era difficilimo palestrar-se com a imperatriz. Assumptos havia que lhe revoltavam. Não se podia falar de Frederico, o grande, nem de Voltaire, além de que nunca se devia fazer menção de qualquer pessoa morta, doenças, sciencias e costumes francezes.

E' uma esquisitice um tanto exagerada, em todo caso a princeza falleceu em uso da rasão, e deixa-me por isso convencido de que estas couzas não são mais que uma terrivel molestia, verdadeiro caso pathologico.

EZEQUIEL.

Entre les deux... A linda senhorita que é o encanto dos que a conhecem e que é tambem uma das mais formosas creaturas que habitam uma chic e silenciosa rua transversal a de Haddock Lobo, está trazendo num cortado o seu apaixonado. Ha poucos dias, foi ella passeiar na Quinta da Boa Vista. Ia pelo braço de um elegante cavalheiro que absolutamente não era o seu eleito official. Cuidado senhorita... Se o *outro* descobre o *flirt* é capaz de haver tragedia, e como diz um velho rifão, póde a senhorita ficar *sem a corda e sem a caçamba*...

A Cruz Vermelha

II

Si é dura e penosa a sorte dos bravos soldados que se batem pela patria expondo-se á espada inclemente e feroz dos inimigos, abandonando no lar o carinho maternal, a ternura da esposa, o encanto da filha, não menos cruel é o destino dessa mãe, dessa esposa ou dessa filha, condemnadas a ver partir os entes tão amados, que dão, talvez, o ultimo abraço, o beijo derradeiro...

Ha, entretanto, para ellas, um consolo bem triste. E' o de seguirem para os campos de batalha, onde no meio de homens que tresloucados, disputam a morte de outros homens, brutalmente, estupidamente, obedecendo apenas ao impulso sanguinolento da vingança e do odio, entre espadas que se cruzam ferozes e o troar terrivel dos canhões, ellas passam resignadas e grandes, como enviadas de Deus, animando aqui com palavras repassadas de carinho e de piedade, amparando alli com braços debeis que se fazem vigorosos ante a immensidade da dôr, pensando as chagas deste, conduzindo aquelle ao hospital onde tantos outros já estão sob o cuidado e o desvelo das santas enfermeiras que os tratam para de novo voltarem ás linhas de combate.

São dignas de veneração essas creaturas que, reagindo contra a fadiga, dando ao corpo maltratado por sacrificios e vigilias, uma força superior ao abatimento do espirito, continuam a sua nobre e elevada missão.

E é de ver a magnanimidade e o carinho com que assistem aos leitos dos feridos, olhando uns e outros com a mesma piedade, falando a todos com igual bondade, procurando attender com a mesma solicitude ao caro filho de seu paiz como ao que é seu inimigo, porque o é de sua terra e de seus patricios e que, amanhã, liberto, irá lutar contra os seus irmãos.

Instituição quasi divina, feita de amor e bondade, filha do sacrificio e da dedicação, que se mantenha grande e poderosa para que proporcione aos gloriosos feridos o balsamo e conforto em seu soffrimento.

Bemdicta sejas, Cruz Vermelha!

FRANCA SERRANA.

Saudação a Jesus

Salve! O' Jesus Menino!
Doce joia de Maria
Sois o mimo masculino
Que o mundo inteiro gloria

E nesta hora abençoae
O caminho que então sigo...
O meigo olhar em mim lançae
O' Livrae-me do inimigo!

ADELINA CORROTTI

Rio, 1 de Janeiro 1915.

A engeitada e a orphã

Orphã

Porque choras tu, anjinho?

Engeitada

Tenho fome e tenho frio.

Orphã

E só por este caminho,
Como a ave que cahiu
Ainda implume do ninho!
A tua mãe já não vive?

Engeitada

Nunca a vi na minha vida.
Andei sempre assim perdida,
Mãe certamente não tive.

Orphã

E's mais feliz do que eu,
Que tive mãe e morreu!

JOÃO DE DEUS.

BILHETES POSTAES

A alguem.

Quando amamos sinceramente, jámais passa pela nossa imaginação, que nuvens negras possam obscurecer o nosso céo, o futuro sorridente que desenhamos; puro engano, mal sabemos nós que sem querermos, encontramos pessoas invejosas, que fingindo nossas amigas, vêm nos contar calumnias ou duras verdades, trazendo aos nossos corações o desassocego e mais tarde a descrença!

Yvette Silva.

Ao Amil.

Não pode existir dor mais esmagadora para dois corações que se amam em extremo, do que uma longa separação.

Calimi.

Jequery, 19 — 3 — 1915.

A' Octacilia.

A ausencia de uma pessoa adorada é o mais agudo espinho que pode pungir e dilacerar um coração sincero.

R. Alvares Penteado.

Rio Grande do Sul—Janeiro 1915.

Ao C. C. de O.

Ingrato! que mal te fiz para fazeres nascer em meu coração um amor puro e sincero e depois desprezar-me, deixando-o mergulhado na mais profunda dôr.

Meu coração transformou-se em lousa, nella gravei o teu nome e a tua ingratidão.

H. L.

Campos, 11—3—915.

Só me sinto bem quando estou junto do ente que mais estimo e adoro.

A mulher é sempre pura e sincera, o homem hypocrita e perverso.

O ciume é um sentimento que só apparece com a perfidia, mesmo velada do ente a quem nós amamos com sinceridade.

Magnolia Dalva.

A' Milica.

Para que esta tristeza quando amamos com todo o affecto de nosso coração, com todas as forças de nossa alma e somos do mesmo modo correspondidas? Não existe ausencia, porque os nossos corações batem-se unisonos e as nossas almas vôam ao encontro uma da outra, suavisando assim as tristes horas da separação.

S.

Ao dr. Leopoldo C. L.

Saudade: meigo e sublime sentimento que nos suavisa o coração, quando ferido covardemente pela cruel ausencia.

Desprezada.

A' M. da Silva.

EM RETRIBUIÇÃO

Amar e ser amada é repousar das fadigas da vida num leito alcatifado de flores, ao som do mavioso gorgeio da alegre passarada.

Amar e ser desprezada é ter por bonança a miseria, por alegria a tristeza e por consolo palavras acres.

Rio.

A. Silveira Buleão.

Assim como ao cahir da tarde, os passaros entoam por entre a relva o seu angustioso canto, a essa mesma hora, minh'alma sente, e meu coração chora, pensando na grande distancia que nos separa.

Aeirema Dael.

Paracamby.

A' Elvira.

O teu olhar é um facho luminoso que com o lampejo deslumbrante, vivifica no ermo profundo do meu coração a flôr encantadora do amor.

Melgaço.

O coração, que analysa o amor como sendo um dos mais elevados sentimentos, isto é, que o cultiva com sinceridade, recebe em troca desse affecto, a ingratidão.

Adelaide D.

Villa Militar.

A' Dulce!...

Assim como sem o coração não nos é possivel a existencia, sem o amor torna-se impossivel a existencia do coração.

Azul.

A alguem.

Outr'ora, os meus sonhos eram todos de felicidade... pensava em um futuro risonho, hoje que transformação!... Vejo diante de mim a realidade: todas as tuas juras eram falsas... trahiste-me ingrato! Mas ainda tenho uma esperança... reso deante da imagem do Redemptor, para que um dia te arrependas e te lembres do quanto te seria fiel, vindo aos meus pés implorar o perdão e eu te direi então quem sou!...

Elzira Leal.

Paracamby, 19 — 3 — 915.

A alguem.

Meu coração é o sanctuario e a hostia consagrada o teu amor.

Hylda Thompson P. Leite.

Paracamby, 20—2—915.

A' Zari.

A ti, a minha vida, o amor mais puro, meus carinhos, affectos, coração e todos os meus beijos, o meu futuro, tudo emfim entrego para ter a ventura, o unico goso de merecer de ti um só olhar de compaixão.

Baby.

Ao J. Paiva.

O teu olhar illumina a espinhosa senda da minha existencia, como as fulgurantes estrellas illuminam o arido deserto que o viajante a custo tenta transitar.

Amar é embalar suavemente uma doce esperança que nos suavisa as agruras da vida.

Aziul.

Rio — 28 — 3 — 915.

Para Lete F...

A saudade é um sentimento que experimentamos no intimo de nossa alma.

S. S.

Nictheroy.

Para N. A.

A saudade é um punhal que fere amargamente o nosso coração...

Candida C. Silva.

Nictheroy.

A' Cleria.

A gratidão é a flôr perfumosa cultivada no coração dos homens.

A. Guimarães Albernaz.

Ao delicado amiguinho Fáfá.

Amizade, ou o verdadeiro e sincero amor, é o silencio magoado, de um coração que se comprime embalde, e cujos merecimentos se evolam nos odores do soffrer resignado!

Maud.

A' Zinhoca Soares.

Fiquei sosinha no mundo
Imagina a minha dôr;
Deste desterro tristonho
O que me resta é amor.
Crês tu anjinho querido
Ah! sê meu consolador.

Cottinha.

S. Cruz — Minas.

A' ingrata Otisac.

Amor e Desprezo: — Um forte e indomavel, outro fraco e lastimavel, o primeiro proporciona gosos, felicidades; o segundo, dores e tristezas.

O amor medra nos corações jovens fortifica-se nos inexperientes e morre nos velhos, e o desprezo cruel traz sempre suspenso sobre si o manto negro do infortunio e das lagrimas.

Colibri.

A miseria é o abrigo da dor.

A resignação — é a mais sublime prova de um devotado amor e verdadeira confiança na Providencia Divina.

America.

Rio de Janeiro.

A quem me comprehender.

Homens ha que dão tudo que possuem para viverem em liberdade; porém, eu que no peito guardo um coração por demais sensivel, daria a vida e a liberdade para viver prisioneiro; desejando pois, que duas alvas serpentes avelludadas, que vulgarmente chamamos braços, me estreitassem eternamente em um paraiso encantado onde feliz pudesse adorar a Deusa dos meus sonhares.

Marcos Chopin.

Ao Antonio Campos.

Perdão, se é offensa, não devolver tuas cartas, como prometti e não cumpri. Não poderei jámais me separar dellas, guardo-as no fundo do meu coração, como unica lembrança de felicidades passadas.

Sitosamy.

Barra do Pirahy.

Ao A. Campos.

Bem sei que amei um coração voluvel, que nunca conheceu o que é sinceridade. Fui trahida pela sympathia e hoje me vejo perdida no mar da desillusão, sem amor, sem fé e sem esperança.

Barra do Pirahy.

Sitosamy.

A alguem.

O coração que occultamente ama, soffre mais do que o encarcerado que jámais espera a liberdade, não obstante ter direito a ella.

Rio.

Ao mavioso poeta Renato L.

Meu coração é um livro onde está gravado o teu nome, por isso eu nunca me esquecerei de ti, mesmo sem nunca te ter conhecido.

Nair M. L.

Estrella guiadora...

A' senhorita G. Mesquita.

Guia da minha illusão . . .
Aurora-riso e fulgor . . .
Bem hajas, Apparição
Reveladora de Amor!
Irei crendo e confiando,
Estrellinha de candura!
Levar este amor lutando,
Levar este amor cantando,
Ao castello da Ventura.

Colorieense.

Funccionarios da secção technica da Inspectoria de Obras contra as Seccas — Fortaleza—Ceará

Maria de Lourdes Frota e Paulo de Castro Frota sobrinhos do sr. João Lourenço de C. Silva, pharmaceutico, residentes em Fortaleza — Ceará

Novo director, nova reforma. E' o que succede sempre com a Instrucção Publica desta terra de S. Sebastião. O sr. Alvaro Baptista fez uma reforma que cumulou de beneficios justos o professorado operoso e sempre abandonado. Teve o seu trabalho reformado, atrabiliariamente, depois, pelo barão de Ramiz Galvão.

E as reformas só tem feito mal á pobre instrucção desta terra.

Nunca, porém, hontem, como agora, uma reforma torna-se tão necessaria.

O dr. Azevedo Sodré que é medico, que tem conhecimentos pedagogicos profundos, deve saber, por exemplo, que o professorado que labora quasi cinco horas diariamente necessita de um dia de descanço na semana, além do domingo.

Por isso tinham os professores a quinta-feira, praxe que durou muitos annos, até quando o sr. Barão Ramiz num momento lamentavel resolveu supprimil-o.

E' necessario que a quinta-feira seja novamente dada á folga dos professores, e o dr. Azevedo Sodré deve saber, melhor do que nós, que os que se entregam a arte difficil de educar a mocidade não podem ter a resistencia physica dos domadores de féras...

Si teu marido te trahir uma vez, perdoa-lhe; mas si te trahir segunda, terceira, quarta vez, etc., tu então. . . perdoa-lhe ainda.

Correspondencia do "Jornal das Moças"

LUIZA DE CARVALHO — O acrostico occupa muito espaço, por isso não publicamos.

MARCOS CHOPIN — Os originaes enviados a esta redacção não são restituidos. Agradecemos muito as gentis e amaveis referencias ao *Jornal das Moças*.

Os pensamentos serão publicados.

ADELAIDE DOURADO — Inteiramente ás suas ordens.

ALEXANDRE C. Muito simples o seu trabalho.

JOÃO BELMONTE — Os seus sonetos não pódem ser publicados: um, «Adeus», está com alguns versos defeituosos e o outro, que é bom, está fóra dos moldes da nossa revista, principalmente conservando a dedicatoria. A «Boneca» está bem escripta mais termina mal.

LULU — O «Jornal das Moças» tem publicado algumas receitas.

ARY CARVALHO — O sr. descuidou se quando escreveu á gentil «Magnolia Triste» e assim o seu trabalho tem alguns senões que o amigo mesmo poderá corrigir.

ALVES DE ALBUQUERQUE — O seu trabalho «Sonhos desfeitos» é longo e muito simples.

W. S. O. — O soneto «Eterno Enigma» que nos mandou é um verdadeiro enigma, si bem que os versos estejam bons.

LEONOR M. — Muito confuso o seu trabalho «Ingratidão.»

Um sorriso para tudo é o titulo sob o qual Alvaro Moreyra reuniu as suas imprevistas paginas de prosa fulgurante e nervosa. Alvaro apparece assim como prosador, depois de se ter consagrado, com alguns bellos livros de versos, um dos nossos mais raros poetas.

Um sorriso para tudo vae de certo constituir um dos mais brilhantes successos litterarios destes ultimos tempos.

José Borgogne de Almeida não é agente ou representante do "Jornal das Moças".

MODAS E MODOS

Si as nossas elegantes de hoje vissem os figurinos que serviam de modelos aos nossos antepassados, diriam certamente com desdem e surpreza: «Como é que podiam usar essas modas tão exquesitas e sem graça!»

Entretanto, o que estamos vendo desde alguns tempos, é o renascimento um tanto modificado dos trajes que constituiram o encanto de nossas avós, na deliciosa época das saias balão e chapéos bandeijas, sem que as princezas da Moda se apercebam desta circumstancia, porque o seu *fanatismo* pelos grandes mestres da elegancia feminina, lhes obscurece a razão e até, algumas vezes, o bom senso, que deveria actuar na escolha dos vestuarios.

— E' Moda. E' quanto basta, embora o ridiculo venha como uma consequencia cahir sobre nós.

Estas reflexões vêm a proposito de alguns modelos que temos visto nos ultimos magazines de modas.

Com effeito, emquanto a moda feminina esteve inspirada na época e nas tradições gregas, prevaleceram as tunicas levemente ajustadas ao corpo, sem deformarem as suas linhas naturaes e os apanhados de suave ondulação; sem exaggeração tudo marchava bem, sem motivos para uma critica rigorosa e severa.

As mulheres pareciam então bonecas adoraveis, cheias de encantos, nas silhuetas graciosas dos seus vestuarios.

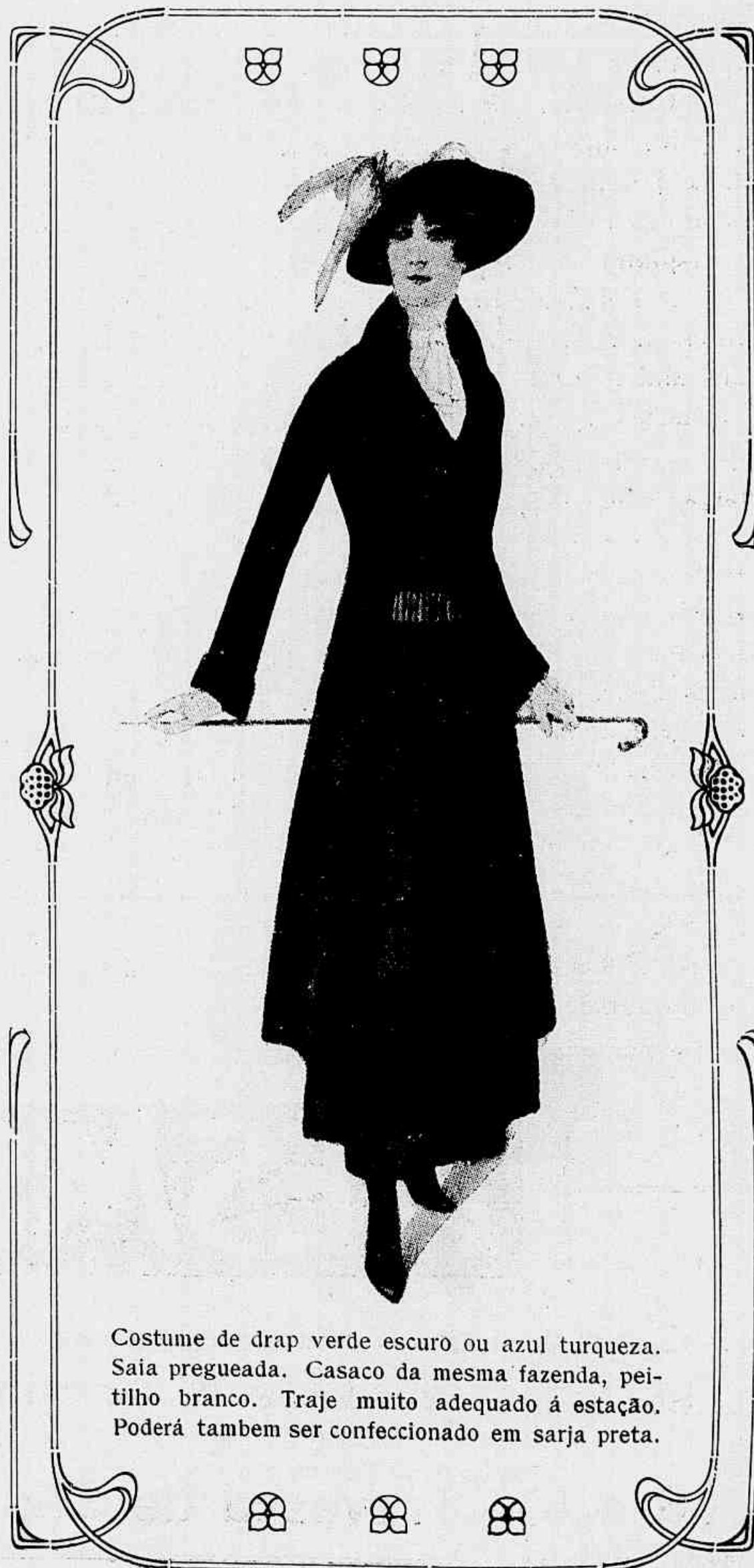
Agora, porém, parece que os pontifices da Moda perderam a cabeça de uma maneira lamentavel, esquecidos por completo das regras e principios do Bom Gosto em um assumpto de exclusivo interesse para o bello sexo.

Além das *toilettes,* blusas, chapéos militares sem graça e inadequados á delicadeza feminina, que foram lançados com successo em Paris, ha uma tendencia accentuada para o desvirtuamento dos trajes femininos, sem aquella bizarria que attrahe e dá uma apparencia graciosa e encantadora.

Não queremos dizer, comtudo, que as mulheres não sejam seductoras e bellas, ataviadas com as modernas toilettes, pois é bem sabido que uma mulher elegante e naturalmente graciosa, sempre o é com qualquer traje, por mais absurdo que elle seja; é um dom natural.

Uma mulher assim privilegiada, como bem disse Claudina Regnier, lança sobre seus hombros um avental caseiro com a mesma magnitude e elegancia com que usaria um manto regio. Isto porém, constitue as excepções.

Devemos portanto fugir dos exaggeros. Modifiquemos um pouco, agora que chega o inverno, o talhe desgracioso dessas capas, que nos lembram os estudantes de Coimbra e Madrid. Procuremos usar botinas mais apropriadas á delicadeza de nossos pés, abandonando esses sapatos de *sportman,* que tiram a graça do andar.

A mulher deve ser sempre mulher, e como tal, reinar e dominar pelos seus encantos e belleza. O feminismo, não deve aspirar invadir o terreno opposto, imitando sem limite, no modo de trajar os costumes masculinos que tiram a graça e os attrativos que são o apanagio natural do sexo fragil.

Costume de drap verde escuro ou azul turqueza. Saia pregueada. Casaco da mesma fazenda, peitilho branco. Traje muito adequado á estação. Poderá tambem ser confeccionado em sarja preta.

A ultima moda da Casa Drecoll

Com a devida venia transcrevemos a carta do chefe da importante casa Drecoll, de Paris, publicada por um distincto collega desta capital, (*Jornal do Brasil*), sobre as tendencias da MODA no corrente anno, cuja leitura nos parece poder interessar ás nossas leitoras.

— —

«Senhor. Ainda que seja contrario ás tradições desta casa revelar as novas tendencias da moda antes de submetter ás nossas clientes os modelos que para ellas creamos, não me negarei em lhe dar as informações que tão cortezmente me solicita.

Começarei por lhe dizer que este anno ha de haver grandes innovações na moda, se bem que nos têm faltado muitos elementos. Talvez, por isso mesmo nos sentimos mais cuidadosos da fórma e temos estudado com grande esmero os detalhes.

A linha, a silhueta elegante desta temporada apparecerá livre dos effeitos de que já ha mezes se vinha abusando. O talhe volta ao seu sitio e isso indica que veremos corpos mais ajustados, talvez muito ajustados, que nos proporcionarão a surpresa de umas mangas mais largas como não se faziam ha muito tempo já.

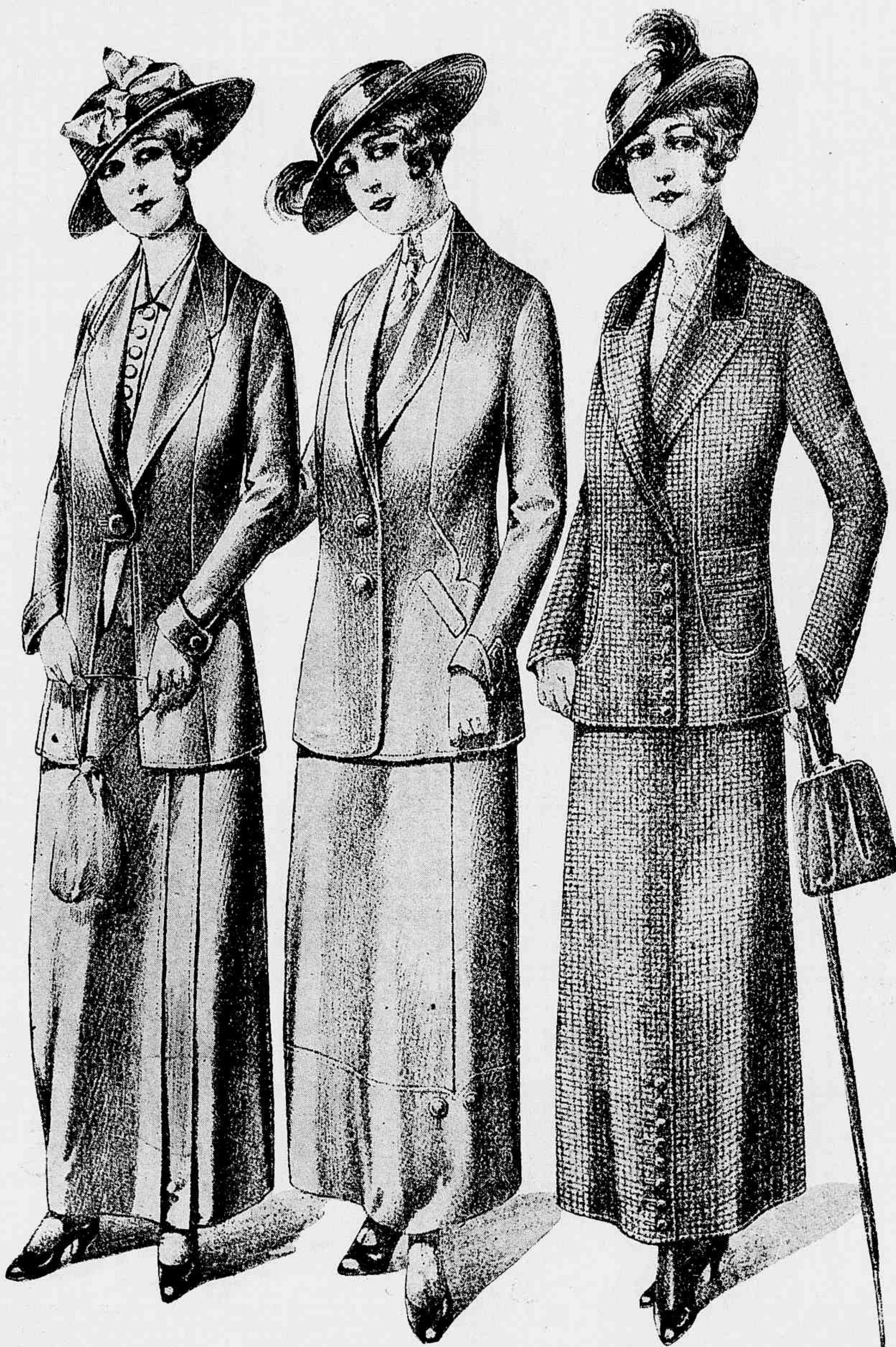
A maior novidade estará nas saias, pois, apoz as tentativas mais ou menos timidas das temporadas anteriores, chegámos, por fim, á saia ampla, que tanto têm reclamado as nossas elegantes, e que é, dizemol-o assim, irmã menor da "mirinhaque" da qual não tem nem o exaggero, nem os defeitos. Possuirá a vantagem de ser uma saia "joven", pois que será curta, muito curta. Espero que as senhoras me perdoarão que as tenha feito esperar tanto tempo esta mudança de moda. Apresental-a antes, isto é, fóra de tempo, poderia motivar talvez uma repulsa. Esqueçamos, pois, os vestidinhos rectos dos ultimos annos, que hoje não podem ser do agrado de nenhuma elegante.

SAIAS MODERNAS

Exponho a favorecedora moda tal como se apresenta, e se alguma cousa lamento, acaso com um pouco de egoismo, é que não possamos ainda disfructar a floração de todas essas novidades, uma vez que a vida em Paris não offerece ás nossas elegantes as multiplas occasiões que tenham para manifestar o seu bom gosto, mas conformo-me pensando em nossas lindas clientes de todo o mundo, que substituirão as parisienses, levando ao triumpho definitivo a moda nova, creada para ellas, em grande parte.

Paris, Fevereiro de 1915.

CH. DRECOLL.

Duas toilettes desenhadas especialmente para esta revista, de accordo com as ultimas tendencias da moda, e que esperamos, agradarão ás nossas gentis leitoras

Elegantes costumes muito adequados a estação de inverno que ora começa e que podem ser confeccionados em gabardine, sarja ou tecido de lã em «xadrez»

ROSINHA

A' minha sobrinha Noemia.

Lá vem Rosinha
Cheia de rosas
Brancas, vermelhas,
Todas formosas!

— Quem compra rosas?. .
Diz a menina,
Gentil Rosinha,
Tão pequenina!

Mal rompe o dia,
De madrugada,
Lá 'tá Rosinha
Já acordada,

Enchendo o cesto
De rosas brancas,
Rubras e aureas,
Belgas e francas.

Iracy Fróes Nogueira
residente no Fonseca, Nictheroy

Odilla Silva Jardim
galante filha do sr. Gabriel Silva Jardim

Vae ao mercado
Vender as rosas:
São suas faces
Mui mais mimosas.

Já cáe a noite
Quando ella vem;
Pelo caminho
Não ha ninguem.

Chegando a casa,
Está cançada
E pelo pae
E' maltratada.

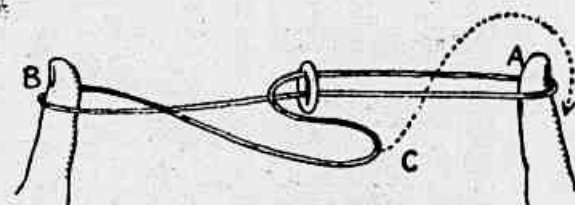
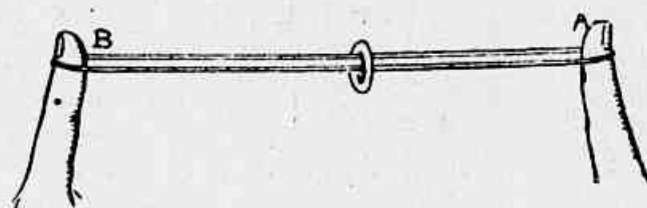
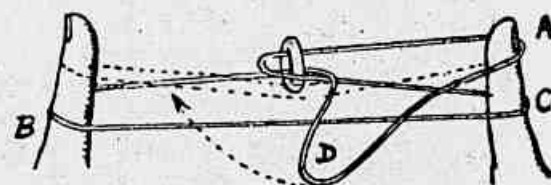
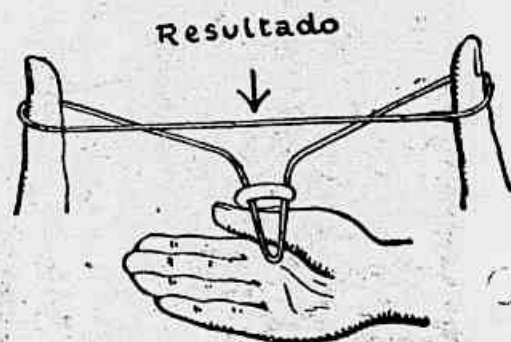
E se não vende
Todas as rosas
Brancas e rubras
E tão formosas,

Não ganha ao menos,
Pobre Rosinha!
Do pão mais duro
Uma lasquinha.

JULINHA P.

Para distracção em horas de recreio

Passa-se por um annel um laço feito de barbante e cujas extremidades se sustentam com os dedos indicadores, tal como mostra a figura n. 1ª posição.

A difficuldade a resolver consiste em retirar o annel sem deixar cahir

o laço de barbante, sempre sustentado pelos dedos indicadores.

Bastará para isto executar os movimentos indicados nas figuras, que dispensam outras explicações.

Sexta-Feira da Paixão

Pa'a ás minhas amiguinhas: Maria da Silva Rocha, Chiquita Macêdo e Amancia Ribeiro.

GRANDE dia! Grandioso! Dia de tristezas, lagrimas e dôres!

A Igreja Romana commemora a cruel morte de nosso Redemptor! O Universo em peso, celebra o Martyrio do Calvario.

Sexta-Feira da Paixão tudo é triste: o Céo o eterno tecto, está envolto em crépe, immerso na mais acerba dôr; o passaredo, mudo, em retiro espiritual prepara-se para a Communhão Geral.

De quando em vez é que ouço o gorgeio dum musico que compõe a grande orchestra, — fazendo um sólo — uma nota estrangulada, nota de dôr, extrahida da partitura do Funeral Santo!

As arvores, estão immoveis com a fronde, pendida sobre o tronco, na grande e amargurada dôr que as abate, vertendo sentidissimas lagrimas pelo seu Deus; nem a brisa, sua irmã primogenita, com carinhos e meiguices, conseguiu que suas frontes abatidas pelo soffrimento, se erguessem para fitar o Firmamento!

Dessa immobilidade, dessa paralysia ellas sahirão para festejar a volta, a Ressurreição de Jesus!

Palmeiras, enormes leques, em volta do Santo Esquife abanando, da multidão que o véla, o halito profano!

Montanhas... largas faixas de panno violaceo!

Cahir da tarde!

Quem não apreciou a tarde desse dia?

A hora do crepusculo, o sol, envolveu se no seu manto roxo-escuro e caminhou, muito triste, como espectador, para o logar do supplicio.

Lá, no Occidente, no cimo das montanhas, diante de mim, representava-se, o triste e inesquecivel quadro de atrocidades!

Era o palco, onde representavam ao vivo, o verdadeiro martyrólogio!

Ergo os olhos e eis o que divisei:

De Jesus, o derramado sangue, reflectindo na Terra e no Céo!

Agora, tudo é rubro, tinto, do sangue Divino!

Jesus esclama: — « Pae! em vossas mãos entrego a minh'alma! » e nos braços do sagrado lenho, exhala o ultimo suspiro, perdoando aos seus algozes!

Tudo é trevas! Jesus desce ao Limbo em visita.

Nas vastas campinas e valles que estão sob a immensa cupola, ora enlutada, uma pequena moita de espaço a espaço, parece um morto levantando-se das catacumbas, em obediencia ao mando de Jesus!

Jesus, parece morto!

Seu tumulo está guardado pela escolta, emtanto a Lua, esse inapagavel cyrio, envolto em crépe, é que vela e illumina o Santo Sepulchro!

Domingo pela madrugada, Jesus sahirá de sua sepultura envolto em um sudario diaphano, e com Elle, o cortejo Universal: o céo, o mar, o passaredo, as arvores, os valles, as montanhas, as campinas, a humanidade, emfim a Natureza — Commungarão o milagre da Ressurreição!

EUGENY.

Ao centro mme. Ramps Williams, directora do collegio Ramps Williams, ladeado de um grupo de alumnas

MORTA...

A' Mlle. Marfiza Aguiar

VIVIA sempre na praia, sentada sobre uma pedra, escrevendo pensamentos, que desde pequenina os sabia de cór. E alli, Marfiza passava horas e horas. Amava o mar, tinha amizade a areia e gostava dos rochedos. Certa tarde, numa destas de crepusculos deslumbrantes, ella sahira só, a passeio pela praia.

A's vezes corria, outras vezes atirava beijos ao mar e quasi sempre abraçava os rochedos.

A noite já vinha estendendo seu manto negro sobre a terra.

O mar estava calmo, bello... parecia que dormia.

De subito, Marfiza solta uma franca risada e em seguida bate palmas, contente pula daqui para alli, olha para a lua exclamando: « Oh! como ella vem bella, pallida, sorrindo e estendendo seu véo de noivado sobre o mar quieto.! »

Marfiza, olha para todos os lados e vê amarrado a um rochedo, um pequeno bote.

Corre, desamarra-o e faz-se ao largo ao encontro da lua, que vem surgindo.

O bote ia deslizando, sobre as aguas do mar, que ainda parecia dormir ou sonhar.

De subito, o mar accorda-se revoltado e vai de encontro ao barco e vira-o, atirando a joven fóra delle.

Um barco de pescadores, que vinha além, corre em soccorro da infeliz joven.

Ao chegarem perto, os pescadores tiraram-na do mar e todos numa voz exclamaram: « Morta! »...

O mar, o ingrato mar, solta uma tremenda gargalhada, acompanhada por um riso sarcastico da lua.

Os pescadores de repente levantam-se espavoridos, vendo ao lado do barco uma nuvem branca, que surge dagua. Assustam-se, querem atirar-se ao mar, mas um braço alvo os impéde.

Ouve-se depois uma voz fraca de quem ainda soluça exclamando:

« Pescadores, sejam inimigos do mar, odeiem a lua e atirem pedras aos rochedos.

Um matou-me, o outro seduziu-me pelos seus explendores e o ultimo não quiz soccorrer-me.

Ide pescadores, e dizei as virgens, que Marfiza morreu! Ellas que se vinguem. E vós homens simples, pescadores, contai sempre aos vossos filhinhos, esta triste historia. Contai, contai sem cançar o crime do mar, a seducção da lua e a ingratidão dos rochedos. »

E desappareceu.

Além, muito além ouvia-se o campanario da aldeia, badalar funebre, annunciando soluçante a morte de Marfiza.

*
* *

Horas depois uma multidão de meninas vestidas de branco e carregadas de flôres de Maio, seguiam chorando o caixão azul de Marfiza.

E assim, meu coração e ella, juntos no mesmo esquife, voaram ao céo, como duas azas brancas dum anjo louro de Deus.

JOSE' DE DINIZ.

O travesso Joãosinho, filho do sr. Lucio Ramos da Costa

❋ DE TUDO UM POUCO

O diamante da má sorte

O conhecido milionario de Denver, mr. Barth, está desesperado porque possue um diamante magnifico, mas um diamante que, em vez de ser *mascotte*, é completamente o contrario. Desde que o possue não cessam de apoquental-o as desditas.

Ultimamente quizeram roubal-o. mancomunadamente seu genro e suas duas nóras. E queixou-se dos tres aos tribunaes.

Falando com o juiz que instrue a causa, mr. Barth disse-lhe :

«Todos os meus infortunios são consequencias nefastas da posse do diamante — *Izabel*. Esse diamante pertenceu á corôa de Castela. A rainha Isabel a catholica vendeu-o com outras joias da corôa para pagar as despezas da primeira viagem de Colombo no descobrimento do Novo Mundo.

Depois de largas vicissitudes que poderiam ser comparadas com as do grande navegante, a pedra preciosa em questão foi adquirida pelo senador de Colarado Tabor. Sua esposa ostentava-o no peito.

«Mas a partir d'então começou a eclipsar-se a fortuna de Tabor. As minas de ouro que possuiam cessaram quasi de produzir. E chegaram a ser tão grandes as difficuldades da familia que a sra. Tabor teve que empenhar o diamante.

«Assim que o fez começaram novamente a prosperar os negocios de seu marido, e hoje a fortuna de Tabor é maior que antes.

«O diamante foi parar a outras mãos, e todos os que o possuiram soffreram desgraças.

«Hoje tenho-o eu, e cheguei ao extremo de que a minha propria familia quer roubar-me. Estou desejando que me comprem o diamante maldito. Dou-o barato, por metade ou menos do que me custou.

« Se não encontrar comprador estou disposto a pulverisal o com um martelo e a deitar fóra o pó para que a má sorte que o acompanha desappareça de uma vez !

Tratamento do suor excessivo das mãos e dos pés

Lavagem á noite com agua bem quente addicionada de uma ou duas colheres de alcool camphorado e uncção com o seguinte topico do prof. Unna:

Ichtyol (aã Terebentina) 50 gras.
Pomada de oxido de zinco 100 »

Durante o dia póde-se usar o seguinte pó: Farinha de mostarda 10 grammas. Talco e pó de arroz aã 15 grammas.

RECEITAS

Bolo da tijuca — Meio kilo de manteiga, meio de assucar, meio de farinha de trigo, oito ovos e um copo de leite. Tudo bem misturado e bota-se em fôrma untada de manteiga, forno brando.

⊚

Bolos de côco a bahiana — Bate-se uma libra de assucar com vinte quatro gemmas de ovos e 250 grammas de manteiga, accrescentando-lhes, em seguida nm côco ralado, meia libra de farinha de trigo, um pouco de sal e a caasquinha de um limão. Trabalha-se bem da massa e formam-se della uns bolos pequenos que se cosinham em forno quente, tendo-se collocado sobre pedacinhos de obreia.

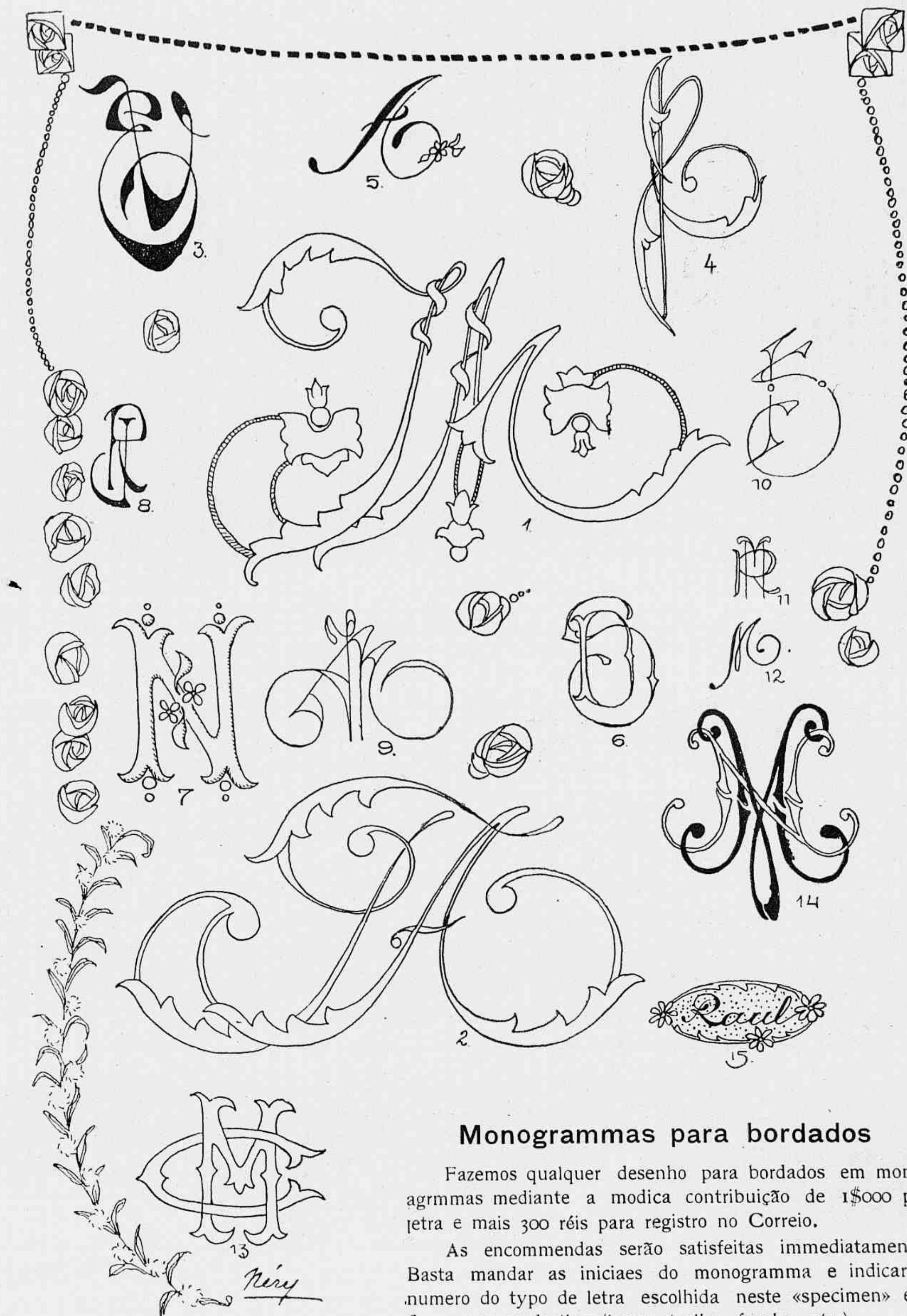
⊚

Bolo de chocolate— Ovos 6, farinha de trigo 2 chicaras, chocolate 2 paus, manteiga 1 chicara, assucar 2 chicaras, amendoas quanto queira. Batem-se bem as gemmas com assucar, depois mistura-se a manteiga e o resto dos ingredientes sendo por ultimo as claras que são batidas separadamente.

⊚

Biscoutos de côco—Um kilo de farinha de trigo, meio de assucar, meia libra de manteiga, um côco ralado, ajunta-se tudo põe-se 4 ou 5 ovos até ficar em ponto de enrolar; depois da massa, que deve ser dura, estar prompta põe-se uma colher das de chá de bicarbonato de sodio, doura-se com gemmas de ovos os biscoutos e leva-se ao forno quente.

⊚

Bacalháu de forno— Posto o bacalháu de molho e cozido, tiram-se as espinhas e a pelle; derretem-se depois duas colheres de manteiga com uma colher de farinha de trigo, uma colherzinha de farinha de mostarda e um pouco de pimenta; accrescenta-se uma chicara de leite; deitado o bacalháu neste molho, deixa-se ferver um pouco; deita-se em seguida tudo em um prato, cobre-se com uma camada de pão ralado e outra de queijo ralado, deita-se um pouco de manteiga derretida por cima e posto tudo no forno, deixe-se tomar côr, para mandar-se para a mesa.

Monogrammas para bordados

Fazemos qualquer desenho para bordados em monoagrmmas mediante a modica contribuição de 1$000 por letra e mais 300 réis para registro no Correio.

As encommendas serão satisfeitas immediatamente. Basta mandar as iniciaes do monogramma e indicar o numero do typo de letra escolhida neste «specimen» e o fim a que se destina (lenço, toalha, fronha, etc.).

Entre amiguinhas

NINI — Ai Jesus! que soffro tanto
Co'a dor nos pés, infernal!

ESTHER — Sua tola! por que não compras
Do meu calçado — "IDEAL"?

NÃO FORAM PUBLICADOS OS DIAS: 16 A 31